

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

O dia 2 de Maio de 1879 — pelo sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO	Pag. 145
Retratos de Damião de Góes — pelo sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS	• 146
Relatorio apresentado pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, na sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em 2 de Maio de 1879	• 153
SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES:	
Considerações ácerca da hygiene das construcções civis e publicas. — Technologia da edificação, (continuação), pelo sr. F. J. DE ALMEIDA	• 156
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:	
Memoria sobre a antiga Vianna de Santa Luzia — pelo dr. LUÍZ FIGUEIREDO GUERRA	• 158
Explicação da estampa n.º 30 — pelo sr. J. da SILVA	• 162
CHRONICA	• 162
NOTICIARIO	• 163
EXPEDIENTE	• 164

O DIA 2 DE MAIO DE 1879

As associações scientificas, litterarias e artisticas, as de beneficencia, as da industria e as economicas; emfim, todas as associações que se recommendam por qualquer titulo — subordinado aos interesses da humanidade, ou ás exigencias da civilisação: todas ellas, do mesmo modo que as familias e os individuos, têm os seus dias festivos, *dies albo notanda lapillo*.

N'esses dias privilegiados, ou se recorda algum acontecimento importante, ou se commemora algum anniversario feliz, ou se galardoam serviços, ou se traça o plano de trabalhos uteis, ou se prepara um futuro esperançoso para a realisação dos designios capitaes que motivaram a instituição das associações.

Tambem a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes tem d'esses dias faustos na sua vida modesta, e como que retirada.

Foi um d'elles o dia 2 de maio do anno corrente, em que se celebrou a sessão annual, destinada a tornar conhecidos os trabalhos feitos, a re-

capitular os successos occorridos, e a premiar os socios benemeritos.

A solemne sessão de 1879 foi presidida por S. M. El-Rei o senhor D. Fernando: o que contribuiu para maior realce d'este prazenteiro acto.

A Magestade dos Reis dá sempre fulgor ás reuniões a que elles assistem; mas, no presente caso, ao lustre da alta jerarchia juntam-se a capacidade e o merito da augusta personagem. El-Rei o senhor D. Fernando é um distincto cultor das Bellas Artes, desvelado promotor do progresso das mesmas, e intelligente e generoso protector dos artistas portuguezes.

O presidente da assembléa geral, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que sem adulação podemos chamar *a alma* da Real Associação, leu um bem elaborado relatorio, que adiante vae publicado *in extenso*. Cremos que aos leitores será muito agradavel a leitura d'esse documento, por quanto alli hão de ver as notaveis proporções que o Museu tem tomado, quaes os trabalhos effetuados no ultimo anno, e devidamente elogiados diversos socios.

O 1.º secretario, o nobre visconde de Alemquer, leu a correspondencia.

Logo depois teve a palavra o talentoso socio, o sr. Luciano Cordeiro, para proferir o elogio do acreditado archeologo e litterato do reino visinho, D. José Amador de los Rios, que fôra socio honorario d'esta Real Associação. O retrato do illustre estrangeiro foi inaugurado, vindo assim a enriquecer a galeria de retratos de notaveis architectos, engenheiros e archeologos que adornam a sala das sessões.

Em seguida teve a palavra o erudito e incansavel socio, o sr. Joaquim de Vasconcellos, para ler uma memoria ácerca do retrato do nosso Damião de Goes.

Tanto a respeito do *Elogio*, como da *Memoria*, quizeramos apresentar aqui uma resumida noticia, e dar expansão ao contentamento que experimentámos ao ouvir esses trabalhos. Seria, porém, uma temeridade fiar das impressões fugitivas de uma primeira leitura a exposição dos enunciados d'esses escriptos, e a apreciação do seu merecimento litterario, historico e artistico. Temos por mais acertado deixar que elles fallem por si mesmos, quando chegarem a ser publicados n'este *Boletim*.

El-Rei, o senhor D. Fernando, procedeu então á distribuição das medalhas com que a Real Associação resolvera premiar os relevantes serviços prestados por alguns socios.

D'entre os contemplados com esta distincção estava presente o dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, cujo nome, de reputação européa, corre já na lista dos sabios estrangeiros. Aos olhos da Real Associação se assignalou elle pelos seus trabalhos pre-historicos e archeologicos.

Tambem o sr. Joaquim de Vasconcellos recebeu a medalha, em demonstração do apreço em que são tidos os seus numerosos escriptos archeologicos, reveladores de aturado estudo e de não vulgar erudição.

Os ausentes socios que haviam de receber medalhas, eram os srs. Carlos Ribeiro, assignalado já no conceito dos sabios pelos seus recommendaveis escriptos pre-historicos e archeologicos; — o sr. Lucas José dos Santos Pereira, distincto architecto, a quem foi, tão justificadamente, confiada a restauração do admiravel edificio da Batalha; — e o sr. Gabriel Pereira, esperançoso mancebo já conhecido como descobridor e collector nos dominios da archeologia.

Se a Real Associação não tivesse prestado outros serviços mais do que premiar os seus socios benemeritos, — desempenhado haveria ella já uma proficua e valiosa parte de sua nobre missão. Mas, felizmente, e para gloria sua, tem tambem alargado

a riqueza do seu Museu, e contribuido para a successiva restauração de um grandioso e monumental edificio, que está vinculado com as mais gratas recordações da historia de Portugal.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

NB. — Depois de se haver mandado para a imprensa o precedente artigo, enviou o sr. J. de Vasconcellos a sua Memoria, que em seguida publicamos.

RETRATOS DE DAMIÃO DE GOES

- A. — Original. Desenho a (Altura 34 cent. 50 mil.
carvão; (Entre 1525 e 1527) (Largura 27 cent. 50 mil.
1. Retrato com o monogramma A. D. *pseudo-Dürer*, segundo um original desconhecido de cerca de 1540, gravado em cobre na velhice de Goes.
 2. Retrato por Philippe Galle ou Gallæus *em cobre*. (1572).
 3. Retrato por Hogen *em cobre*. (1602).
 4. Retrato anonymo flamengo, circular, de pequeno formato (1612) *em madeira*.
 5. Retrato anonymo allemão, em 16.º (1688) *em cobre*.
 6. Retrato anonymo allemão em 4.º talvez do mesmo anno; em?
 7. Retrato por J. da Cunha e C. de Fontes (1817) *em cobre*.

A. Na *Albertina* de Vienna.

1. Na *Bibliotheca Nacional* de Lisboa, e em casa do sr. G. Barreto; citado já em *Musicos Portuguezes*. (Porto, 1870, vol. I pag. 124). *sub. n.º 5* na lista dos retratos apud Gerber: *Neues histor. biogr. Lexikon der Tonkünstler*. Leipzig, 1813, vol. IV pag. 692.
2. Cit. por Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.* vol. I pag. 619.
3. Cit. por I. da Silva Dica. *Bibl.* vol. VII pag. 84, segundo informações da antiga colleção de Barbosa Machado existente no Rio de Janeiro; cita errado: *Hogan*. Vimos um exemplar na *Bibliotheca Nacional* e outro na do fallecido Rivara, em Evora; ambos os retratos pertencem á mesma colleção: *De Rebus hispanicis lusitanicis*, etc. Coloniae Agrippinae, 1602, 8.º a pag. 7 Reifenberg (*Relations entre la Belgique et le Portugal* pag. 62 cita um retrato de J. Hogenberg na edição *De Rebus hispanicis* Colonia) 1602 in-8.º; não póde ser senão o retrato n.º 3, e a assinatura Hogen abbreviada de Hogenberg (aliás contra a regra, que manda abbreviar em b. sic: Hogenb.)
4. Na obra *Opus chronographicum orbis universi* etc, de Petrus Opmeer ed. de L. Beyerlinck. Anvers, 1612. Verdussen, fol. pag. 489. Comunicação do nosso amigo o sr. R. Vicente d'Almeida.
- 5 e 6. Citados por Gerber, *Hist. biogr. Lexicon der Tonkünstler*. Leipzig, 1792. Vol. II pag. 21; e d'ahi em *Musicos Portuguezes* vol. I, pag. 124 *sub* 1 e 2; são porém ambos anonymos, ao contrario do que alli se diz.
7. Nos *Retratos e Elogios de Varões e Donas*. Lisboa, de 1806 a 1829, 4.º O retrato de Goes sahia na 13.ª caderneta, em 1817. Citado em *Musicos Portuguezes*, vol. I, pag. 124.

8. Retrato anonymo portuguez, circular, pequeno formato (1837) *em madeira*.
9. Retrato por P. A. Guglielmi (1842) *em lythographia*.
- 10 a 12. Retrato anonymo, de formato maior, da collecção de Barbosa Machado; e mais dous da mesma collecção.

O RETRATO DE DAMIÃO DE GOES

POR

A. DÜRER

A descoberta do caminho da India que alterou profundamente as condições do commercio europeu modificou de um modo sensível as nossas relações internacionaes, mesmo dentro da Europa. O trato commercial com os paizes de Flandres que havia decahido desde a morte do infeliz Carlos, o *Temerrario*, em Nancy (1477), reviveu graças á intervenção de um elemento vital n'esses paizes; era o elemento allemão, representado pela brilhante personalidade de Maximiliano I d'Austria — *der letzte Ritter* — o ultimo cavalleiro, que herdára o antigo e nobilissimo ducado de Borgonha, com a mão da unica filha do ultimo Duque. Se fossemos a julgar pelas razões de parentesco, tanto valia para nós, em Flandres, o Duque Carlos, como Maximiliano d'Austria; ambos eram filhos de principes de Portugal. O primeiro, como filho da Infanta D. Isabel ¹

8. Na revista *Universo Pittoresco*. Lisboa, 1839-1844, 4.º gr. O retrato de Goes appareceu no vol. II (1841-1842); citado em *Musicos Portuguezes*, vol. I pag. 124.

9. No *Panorama* vol. I, (1837) pag. 110.

10. Citados por I. da Silva *Dicc. Bibl.* vol. VII pag. 84 sic: «Em que entram dous, um maior, e de excellente buril, e outro mais pequeno aberto por Io Hogan. Ha outro de pau antigo, e pequeno, de fórma circular entre os numerados.» O primeiro é o unico desconhecido e talvez o mesmo que possui Salvá (*Catalogo de la Bibliotheca de Salvá*. Valencia, 1872, vol. II pag. 481); fallando da 2.ª edição da *Chronica* d'El-Rei D. Manuel de 1619:

«A mi ejemplar se ha agregado um retrato grabado em cobre que no parece pertencer a la edicion.» Sendo a edição de 1619 em fol., é possível que o retrato seja em 4.º O segundo retrato citado por I. da Silva, apud Machado, é provavelmente o n.º 3 de 1602; o terceiro será decerto o n.º 4 de 1612.

Com effeito Negler (*Monogrammist*, vol. IV, pag. 61) cita a abreviatura com relação a um retrato de Goes com esta rubrica: «*Damianus Agoes* (a Goes), 4.»

O retrato de 1602 é porém do formato do volume, em 8.º e diz: DAMIANVS A GOES EQVES LVSYTANVS Io Hogen, Fe.

Altura do retrato: 97 millim. Com a inscripção mais 22 millim. Largura: 72 millim.

Talvez houvesse erro na indicação do formato da parte de Nagler. Este auctor cita mais obras de Hogenberg; vol. II, monogr. 260; vol. III, monogr. 730, 1063, 1089, 2516, 2568; vol. IV, monogr. 149, 169; e outros individuos da mesma familia; Abrahão, Francisco, João Nicolau, etc,

¹ Casada a 24 de julho de 1429 em Lisboa, por procuração, com o Duque Philippe III, o Bom, de Borgonha. Morreu em Dijon em 1472. V. *Sobre as Relações de Portugal com a corte de Borgonha* (sec. XV e XVI, em *Arch. art.* fasc. IV pag. 87.

da progenie d'El-Rei D. João I; o segundo como filho da Infanta D. Leonor, Imperatriz d'Allemanha ¹ e filha d'El-Rei D. Duarte — tanto um como o outro nutriam de certo vivas sympathias pelos portuguezes. Além d'estas razões de parentesco havia a gratidão pessoal de Maximiliano, a quem D. João II libertára, por assim dizer, do captiveiro, em Bruges, pondo á sua disposição 100,000 ducados d'ouro e toda a força do seu braço. ² Mais poderosos, porém, que os laços do parentesco e o sentimento pessoal do futuro imperador d'Allemanha ³ (1493-1519), eram as razões economicas, o impulso irresistivel dos interesses materiaes da Europa, profundamente abalados pelas nossas descobertas. A via principal do commercio *interno* que ligava a Allemanha com a Italia — a via que ligava Colonia a Basilea pelo Rheno, Basilea, Ulm e Regensburg pelo Danubio e penetrava na Italia pelo Brenner e valle do Adige (Etsch), tocando em Innsbruck, Brixen, Botzen, Trento, Verona, etc. até Veneza — ficou deserta, ou pouco menos. Os italianos de Veneza, de Genova, etc., correram a Lisboa; e logo atraz vieram os allemães de Nürnberg, de Augsburg, de Regensburg, os Welser, os Fugger, os Hochsteter, enfim as casas de todas aquellas cidades que tinham sido até alli as agencias centraes entre o commercio oriental e septentrional. A corôa de Portugal deu porém logo ao commercio das novas conquistas o character de privilegio, segundo o espirito da época, e até certo ponto desviou, d'esse modo, a força da corrente commercial que procurou, naturalmente, um grande *porto livre*, um porto do Atlantico. Antuerpia, que começava a chamar a si o commercio de Bruges, desde as revoltas da grande cidade industrial, soube captar as sympathias de Maximiliano, as de El-Rei D. João II e, mais ainda, as de El-Rei D. Manuel. Em 1516 tinham as feitorias dos estados europeus passado para o novo emporio commercial; a de Portugal sahio de Bruges ainda em fins do seculo XV. ⁴ Durante os primeiros vinte annos do seculo XVI Antuerpia assistiu ás esplendidas festas dos palacios de Schermere e Ym-

¹ Casada com o Imperador Frederico III em 1452, em Roma; falleceu perto de Vienna em 1467. V. *Arch. art.* fasc. IV pag. 85, nota, e pag. 151.

² Vide G. de Resende. *Chronica d'El-Rey D. João II* (ed. de Coimbra, 1798, 4.º) pag. 105 e seguintes. Reifenberg. *Bulletins de l'Académie royale de Belgique*, n.º 3, vol. XIV, 1847, pag. 232-234, illustra os serviços de D. João II a seu primo com documentos curiosos e ineditos.

³ Maximiliano tinha em vida de D. João II (fallecido em 1495) só o titulo de *Rei dos Romanos*.

⁴ Em fins do seculo XIV já havia colonia de negociantes portuguezes em Bruges e Sluis (*l'Écluse*) Reifenberg, *Bulletin*, pag. 236. Sobre a passagem das feitorias estrangeiras, de Bruges para Antuerpia, v. *Arch. art.* fasc. IV, pag. 6. Quando publicamos este fasciculo não conheciamos o estudo de Vanden Bussche, *Flandre et Portugal*, Bruges, 1872, 8.º (403 pag.) Fazemos esta declaração por causa de certas referencias communs a ambos os trabalhos. As nossas fontes foram outras.

merseele, onde os feitores de Portugal haviam estabelecido a sua residencia. Em outro lugar ¹ esboçamos a curta, mas brilhantissima historia dos feitores, dos amigos de Albrecht Dürer, amigos convictos, sinceros e admiradores intelligentes. O personagem de cujo retrato nos vamos occupar, tambem viveu nas salas de *Schermere* e *Ymmerseele* e alli ouviria os primeiros louvores do grande pintor allemão, alli veria nas mãos dos velhos feitores, os primeiros trabalhos authenticos do grande artista. Damião de Goes entrava em Flandres em 1523, como *escrivão de Fazenda* da Feitoria de Portugal. Ainda hoje não é possivel fixar com certeza o logar da entrevista entre Damião de Goes e Dürer, apesar de um estudo profundo da sua biographia; é todavia incontestavel que ella teve logar. O retrato que temos presente falla claro; elle é tido, desde ha muito, como obra authentica da mão de Dürer; foi classificado como tal pelos especialistas allemães, não tendo nenhum d'elles motivo algum patriotico que podesse tornar suspeita a classificação, como succederia se algum de nós a fizesse. Elles não sabiam, nem sabem ainda hoje quem seja o personagem representado; os catalogos officiaes dão-o como retrato de um *desconhecido*. O confronto com as differentes gravuras annexas ² decide a questão.

As outras circumstancias relativas ao retrato estão porém elucidadas, graças a uma serie de descobertas que vamos apontar.

A data provavel do desenho, as relações de amizade entre Goes e Dürer, a via pela qual ellas se estabeleceram, a reputação de Dürer em Portugal — tudo isto se pôde documentar.

É impossivel dar ao retratado uma idade inferior a 25, e superior a 26 ou a 27 annos, maxime; portanto, a data do desenho será 1526 ou 1527.

Dürer morreu a 6 de abril de 1528, de repente; em 1526 ainda estava na plenitude da sua força creadora; attestam-n'o os *Quatro Apostolos* ou *Quatro temperamentos*, em Munich e, na serie dos retratos, os de Hieronymus Holzschuher no *Germanisches Museum* de Nürnberg, de Johann Kleberger e Jakob Muffel. Dürer não sahio nos ultimos annos da sua cidade natal; é provavel, portanto, que o encontro tivesse logar em Nürnberg. Retratos de Dürer, posteriores a 1526 não os ha, e o quadro dos *Quatro temperamentos*, do mesmo anno, entregue ao conselho municipal da cidade a 6 de outubro, é considerado como a ultima profissão de fé do grande artista. ³ O encontro em Flandres não só é impossivel

vel pelas datas da viagem ¹ de Dürer a essas provincias (1520-1521) e pela data da entrada de Goes em Antuerpia (1523), mas ainda pela idade que o retratado representa, porque, tendo Goes nascido em 1501, deveria o desenho accusar 20 a 21 annos, o que é contra toda a evidencia.

Subsiste, pois, a hypothese acima indicada do retrato ter sido executado em Nürnberg.

As relações de amizade entre Goes e Dürer foram já por nós explicadas pela existencia do circulo ou cenáculo: ² Erasmo, Peutinger, Jakob Fugger, Amerbach, Glareanus. etc. e a intima amizade dos feitores de Portugal com Dürer em 1520 e 1521. ³

Ainda longos annos depois vinha a Goes, no meio do doce socego da sua livraria, á memoria o grande talento de Dürer. É o que attesta a seguinte passagem de uma preciosa carta de Goes ao celebre latinista Jeronymo Cardoso, carta por nós descoberta na Bibliotheca d'Evora:

«Eodem ipso puncto, quo juvenis ille, cui epistolam tuam, mihi reddendam commisisti, ingressus est cubiculum nostrum effigiem magni illi Erasmi Roterodami per Albertum Direnium (sic) ⁴ suæ ætatis, inter germanos, eximium exculptorem, in manibus habebam. Eamque cum contemplari cœpisssem, et tanti viri hospitisque quondam felicissimi mei recordatio me in sublime sensum meorum arripuisset: Ecce de repente tu quasi ex insidiis, huic nostro solatio, tua epistola, novum gaudium adjicere voluisti.» ⁵ etc.

D'este modo, n'uma unica folha de papel, Goes fazia reviver juntos: o grande pintor e o grande humanista, que ligára o seu nome ao de Dürer, n'um eloquente elogio ⁶ feito a esse mesmo retrato que Goes tinha na mão.

Para caracterisar a reputação internacional de Dürer, e terminar o quadro, antes de passarmos a um rapido exame dos retratos, basta transcrever o seguinte testemunho do celebre Cochlaeus (1479-1552):

«Opera Dureri longissime mittuntur, quippe extant figuræ passionis Domini, quas ipse depinxit, in æs incidit atque impressit, adeo subtiles sane, atque ex vera perspectiva efformatæ, ut mercatores ex tota Europa emant suis exemplaria pictoribus.» ⁷

¹ *Dürers Briefe, Tagebücher und Reime*. Wien, 1872. Cartas, Diario de Viagem, Poesias; tudo já extractado por nós em 1877.

² *Arch. art.* fasc. iv, pag. 143 e 146, e notas.

³ *Idem*. cap. iv. Dürer e a Feitoria portugueza, pag. 32-54.

⁴ Copiámos a carta de um manuscripto do seculo xviii, porque a collecção impressa é positivamente *introuvable*; o manuscripto diz: *Direnium*, talvez por *Durenium*.

⁵ H. Cardosi, *Epistolarum familiarium libellus*. Olysiopone, apud Joanem Barrerium, 1556. 8.º Carta lxx.

⁶ Erasmus *Opera omnia* (ed. de Leyden) vol. iii pag. 721. Carta de 30 de Julho de 1526 e outras passagens: Alberto Durero, quam gratiam referre queam, cogito. Dignus est æterna memoria, etc. Vide ainda Thausing. *Op. cit.* pag. 497.

⁷ *Compend. ad Geogr. Pomp. Melæ*, cap. iv.

¹ *Arch. art.* fasc. iv, pag. 32-54.

² Eram as gravuras marcadas na lista junta com os numeros: 1, 4 e 7.

³ M. Thausing Dürer, *Geschichte seines Lebens und seiner Kunst* Leipzig, 1876, pag. 483 e seguintes.

Depois do que escrevemos em 1877 é escusado repetir os obsequios que esses *mercatores*, e especialmente os portugueses, fizeram a Dürer em Antuerpia em 1520 e 1521, e explicar miudamente a influencia que as 221 gravuras, desenhos e pinturas, dadas por elle aos feitores, exerceram sobre a arte nacional.

Resta-nos, finalmente, averiguar a procedencia do desenho a carvão da *Albertina*, e explicar a nossa descoberta.

O achado do desenho a carvão, ou antes: a descoberta da personalidade, que elle representa, é o facto capital para a apreciação do problema; é a unica base segura para a justa avaliação de todos os mais retratos.

Não foi ao acaso que nos dirigimos sobretudo aos desenhos fac-similes da *Albertina*, que tem perto de 150 desenhos originaes de Dürer. Já em 1877 notámos ¹ a circumstancia de haverem passado no fim do seculo XVI uns 200 desenhos de Albrecht Dürer de Madrid para Vienna, comprados em 1587 pelo conde de Khevenhiller, embaixador e agente de Rodolpho II d'Austria, imperador de Allemanha. Este monarcha foi um colleccionador entusiastico e intelligente das obras de Dürer; foi elle tambem que comprou a colleção *düreriana* ² da casa Imhof de Nürnberg ³ em 30 de dezembro de 1588. Os mercadores d'essa casa, uma das primeiras de Nürnberg ⁴ negociavam em grande escala para Portugal; a firma tinha uma agencia em Lisboa e n'essa agencia trabalhavam filhos da propria familia. Em Portugal morreu por exemplo Ulrich Imhof (*Im-Curia*), membro d'essa celebre casa e chefe da agencia de Lisboa; foi enterrado na igreja de Nossa Senhora da Conceição segundo Roth, ⁵ ao lado de Wolfgang Behaim irmão do celebre Martin Behaim. Guilhany ⁶ cita em 1519 um Michael Imhof em Lisboa que deu a M. Behaim, um credito para a compra de *brincos e gentilezas* do Oriente com que podesse presentear os seus parentes e amigos de Nürnberg. ⁷ Isto bas-

tará ao nosso proposito para a demonstração das intimas relações dos dois grandes focos da Renascença allemã Augsburg e Nürnberg, com Portugal.

Em presença d'estes factos não seria inverosimil suppôr que algum agente d'essa casa, cujo chefe, Wilibald Imhof *der Aeltere*, revolia a Europa á procura de obras originaes para a sua colleção *Düreriana*, que algum agente ou parente d'essa casa, em Lisboa, comprasse no leilão que se seguiu, sem duvida, ao confisco ¹ da fortuna de Goes, os numerosos objectos d'arte que enriqueciam a habitação do chronista, e que ali attrahiam frequentes vezes el-rei D. João III, a rainha D. Catharina, o cardeal D. Henrique, Francisco de Hollanda ² e outros. ³ Tudo isto parecerá natural, se nos recordarmos do seguinte facto eloquente, que prova a attenção com que a colonia allemã seguia em Portugal os factos menos notaveis. Em 1513 chegava a Lisboa um *Rhinoceronte*, ⁴ mandado da India a D. Manuel;

1701-1717 uma serie de trabalhos importantes, luxuosamente impressos e illustrados, sobre a genealogia dos reis de Portugal e do Hespanha e sobre a Grandeza de ambos os reinos:

Corpus Historiae genealogicae Italiae et Hispaniae. Norimbergiae, 1701-1702. Fol.

Stemma Regium Lusitanicum, sive historia genealogica familiae regiae Portugalicae... usque ad praesens aevum deductae, et narratione rerum in Portugallia gestarum — insigniumque iconibus exornatae. Amstelodami, 1708. Fol.

Ha um exemplar na Bibliotheca do Porto, mas faltam-lhe as estampas.

Genealogiae viginti illustrium in Hispania familiarum ordine alphabetico exhibitae exeg. hist. perp. illustratae, iconibusque insignium exornatae, Lipsiae, 1717. Fol.

Recherches historiques et généalogiques des grands d'Espagne. Amsterdam, 1707, 12.º (com gravuras).

¹ O processo de Goes perante a Inquisição durou desde 4 de abril de 1571 (ordem de prisão) a 6 de dezembro de 1572. O confisco teria logar em fins de 1572 ou principios de 1573. O fundador da colleção Imhof, falleceu só em 1580.

² É o que consta de um exame minucioso do processo que existe, em copia authentica, na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Lopes de Mendonça (*Annaes das Sciencias e Letras*, publicados pela academia) extractou-o mal, deturpando os nomes allemães de cidades, pessoas, etc., e supprimindo passagens que, por isso mesmo, não pôde harmonisar. As provas do que dizemos em breve.

As relações entre Antonio e Francisco de Hollanda e Goes são summamente curiosas, e ainda não foram comprehendidas.

Só um *livro de Horas* que Goes deu á Rainha D. Catharina foi avaliado por Antonio de Hollanda em 750 cruzados!

Entre os presentes que elle deu a El-rei D. Sebastião, ao Nuncio, á nobreza, ás egrejas e conventos figuram quadros de auctores celebres, tapeçarias preciosas, bordados, obras de escultura, artefactos das industrias d'arte — um museu, em ponto pequeno!

³ V. *Arch. art.*, fasc. IV, pag. 146.

⁴ Este Rhinoceronte causou tal admiração em Lisboa que até nas *Cartilhas* da época apparece retratado! É a prova mais eloquente da sua immensa popularidade. Ahamos nada menos de quatro exemplares d'esta rarissima *Cartilha* na Bibliotheca de Evora. I, da Silva. *Dicc. Bibl.* vol. II, pag. 51, n.º 217, cita uma cartilha em Portuguez e tamul (Lisboa, 1554, por German Galhardo) e outra cartilha portugueza apud Cenaculo (*Mem. hist. dos Progr. e Rest. das Letras*, pag. 65) o qual lhe attribue a data de 1540 e a diz impressa por German Galhardo. É por certo uma das quatro da Bibliotheca de Evora (fundação de Cenaculo). O curioso animal vem grosseira, mas fielmente gravado em madeira a fol. 32, v. do

¹ *Influencia de Dürer em Hespanha* em *Arch. art.* fasc. IV, pag. 70 e seguintes.

² Sobre a historia e valor d'essa colleção, vide a monographia de Thausing.

³ J. F. Roth. *Geschichte des Nürnbergschen Handels*. Leipzig, 1800-1802. Em 4 vol. Os Imhofs apparecem citados a todo o momento. Vol. I, pag. 114, 129, 277, 334; vol. IV, pag. 393, etc., etc.

⁴ *Geschichte des Nürnbergschen Handels*, Vol. I, pag. 120.

⁵ *Geschichte des Seefahrers Ritter Martin Behaim*. Nürnberg, 1853, fol. pag. 78 e documentos, pag. 114-115.

⁶ Eram provavelmente as joias, raridades, e objectos curtos das novas conquistas de que já fallámos extensamente (*Arch. art.* fasc. IV, pag. 25 e 26) com que os negociantes allemães de Lisboa faziam grande commercio para Allemanha. Alguns dos objectos que Behaim comprou são identicos aos que os feitores de Portugal deram a Dürer, e que causaram tanta admiração em Nürnberg.

⁷ Os Imhofs de Nürnberg ainda no seculo XVIII estavam em relação com Portugal. Jacob Wilhelm Imhof publicava de

como fosse uma novidade scientifica houve logo um allemão que a desenhou e a mandou — a quem? — a Dürer, directamente ou por um amigo commum, porque o *Rhinoceronte* lá apparece na Allemanha entre as obras de Dürer. Este gravou-o logo em ponto grande. (Veja-se Bartsch, 136; Heller, n.º 1904) juntando-lhe — methodo de allemão — como texto explicativo, a relação da testemunha de Lisboa.

É crível, em vista d'esses factos, que a colonia estrangeira ignorasse a riqueza de uma collecção particular, reunida por um homem de reputação europeia, por um sabio que tinha corrido toda a Europa em missões officiaes da mais alta importancia, hospede de Erasmo, amigo de Melanchton, de Bembo, de Sadoletto, de Beatus Rhenanus, e de muitos outros não menos illustres? Entendemos que a colonia estrangeira não o podia ignorar e que a melhor parte do *Museu Goësiano* voltou para o paiz de onde viera.

Eis, em resumo, a serie de considerações que fizemos antes de mandar vir os retratos *anonymos* (permitta-se-nos o termo) da *Albertina*. Sabiamos que o fundo da *Albertina* é a antiga *Rudolfina*; que o fundo d'esta era a collecção *Imhof*; que a casa commercial d'este nome, cujo chefe reunia tudo o que apparecia de Dürer, tinha agencia em Portugal e que essa agencia existia quando o fisco lançou mão das collecções de Goes e as vendeu, provavelmente em leilão. O resultado de nossos estudos foi feliz, as combinações eram acertadas. O retrato, o desenho (que já em 1877 classificavamos, instinctivamente, como devendo ser *desenho a carvão*)ahi está; isto é certo, como é certo que nós o perdemos.

Vejam agora as reproducções:

N.º 1. O monogramma d'essa gravura é falso; e esta falsificação refere-se, não só á gravura em si, como feita por Dürer, mas á gravura, como representando o desenho original de Dürer, tirado do natural.

As razões são as seguintes:

1.º A gravura não é de Dürer, porque o retrato representa Goes com 40 annos, pelo menos; seria pois feita por 1541 (Goes nasceu em 1501), mas Dürer morreu em 1528 (6 de abril).

2.º A inscripção do retrato diz (3.ª linha):

Hic, alia vt taceam será data scripta senecta,

accusa, portanto, uma data ainda muito posterior a 1540, porque significa:

Este, (Goes) para que callemos os outros escriptos (seus) da tardia velhice

Recebeu o nome da historia dos Aethiopes
(*Aethiopum accepit nomen ab historia*).

seguinte exemplar, incorporado n'uma Miscellanea. Cart. 146. d. 1 É o ultimo opusculo d'este volume.

— *Esphera armilar* (gravura em madeira) — Segue o titulo em baixo, em quatro linhas:

A razão n.º 1 é irrespondivel. Comparando o desenho com a gravura, não se poderá dar ao primeiro, como dissemos, menos de 25 annos, nem mais de 27; ao segundo menos de 40. Pessoas estranhas ao interesse nacional da questão, a quem submettemos, entre nós, ambos os retratos, sem indicar os motivos do confronto, acertaram na mesma cifra.

A segunda poderão objectar o seguinte: Se Goes figura ahí n'essa gravura, com só 40 annos, como é que a inscripção falla de *tardia velhice* (sic)? A isso ha a responder: A inscripção que é ¹ de Arias Montano, seria accrescentada pelo gravador, que reproduziu um retrato feito anteriormente, por outro original desconhecido de cerca de 1540 ou 1541, a inscripção explica-se, se attendermos ao que é mais provavel, que o retrato foi gravado para alguma collecção iconographica. É sabido que estas collecções não tinham texto explicativo; a inscripção suppria-o.

Ora essa inscripção do *pseudo-Dürer* concorda singularmente com a inscripção do retrato gravado por Felipe Galle ou Gallæus, *apud* Machado ², e essa gravura de Galle pertence exactamente a uma collecção iconographica, como provámos em 1877. Concluimos, portanto, que, segundo a nossa convicção, esse *pseudo-Dürer* é simplesmente o retrato de Galle, e, n'este caso, a *tardia velhice* (sera *senectus*) da inscripção fica naturalmente explicada, porque essa collecção iconographica de Galle é de 1572, data em que Goes contava 71 annos.

Resta attender a dois pontos ainda: se o retrato é de Galle, devia ter o seu nome, e não o tem. É isto mais um argumento de que o retrato é de uma collecção iconographica; essas collecções costumavam apresentar o nome só *uma vez* no frontispicio. Isto é sabido, geralmente.

Emfim, a ultima objecção: o monogramma de Durer A. D. É o argumento mais fraco que póde

Cartinha pa ensinar a leer. Cõ as doctrinas da prudencia. E os dez mandamentos da ley; cõ suas contras. Agora novamente. Em 16.º de 32 folhas inf. S. d. n. l.

¹ Benedictus Arias Montano, celebre theologo hespanhol que editou a grande *Biblia polyglota* da officina Plantiniana em 8 vol. in fol., 1569-1572. Falleceu em 1598 com 71 annos. V. Foppens. *Bibliotheca Belgica*, vol. 1, pag. 130-132, que dá mais pormenores e o retrato.

² *Bibliotheca Lusitana*. vol. 1, pag. 619.

INSCRIPÇÃO EM B. MACHADO (*op. cit.*)

Gentis Thucydides enarrat gesta Pelasgæ
Romanâ claret Livius Historia:
Hic alia, ut taceâ, sera data scripta senecta
Æthiopum accepit nomen ab historia.

INSCRIPÇÃO DA GRAVURA N.º 1

Thucydides gentis enarrat gesta Pelasgæ
Romanis claret Livius in Deca iv
Hic, alia vttaceam será data scripta senecta
Æthiopvm accepit nomen ab Historia

ser apresentado; é um argumento elementar;¹ com relação a Dürer é especialmente perigoso; dil-o o primeiro conhecedor das obras de Dürer o Prof. Thausing:

«Ueber Die Berechtigung zur Führung dieses Namens entscheiden bei erhaltenen Werken nur innere Merkmale; alle bloß ausserlichen Belege für die Herkunft derselben treten bei Dürer mehr als bei allen anderen Künstlern in den Hintergrund».²

Em outra parte diz o mesmo douto biographo:

«Sicher ist... dass auch fast alle Gemälde Dürers, die sich bis zur Neige des sechszehnten Jahrhunderts und darüber hinaus in Nürnberg befanden, in zwei oder mehreren Exemplaren auf die Nachwelt gelangten. Solche Nürnberger Copisten, um nicht zu sagen Fälscher Dürers, waren vornehmlich Hans Hofmann (gest. um 1600), von dem schon Andreas Gulden, der Fortsetzer Neudörffers, 1660 sagt: «copierte den Albrecht Durer so fleissig nach, dass viele seiner Arbeiten für Dürerische Originalen verhandelt werden»: später sodann Georg Gärtner (gest. 1654) und Bonnacker, Joh. Christian Ruprecht, Johann und Georg Fischer, Jobst Harrich (gest. 1617) Paul Juvenel (gest. 1643) u. A. Diese posthume «Schule Dürers» steht einzig da in der ganzen Kunstgeschichte. Kein anderer Meister, nicht einmal der vielgeprüfte Raphael, ist von der Fälschung so beharrlich ausgebeutet worden, wie Albrecht Dürer».³

O que significa pois o monogramma? Uma falsificação, executada para realçar o preço à gravura; d'esses falsificadores como: Hans Hofmann, Georg Gärtner, Bonnacker, Joh. Chr. Ruprecht, Johann Fischer, Georg Fischer, Jobst Harrich, Paul Juvenel, e de muitos mais, se queixa a historia.

¹ Nagler (*Monogrammisten*, vol. 1, pag. 150) apresenta nada menos de 22 desenhos de monogrammas diferentes de que Dürer usou, todos legitimados com o D dentro da parte inferior do A; e mais 11 monogrammas de imitadores! Seria absurdo argumentar só com esse signal.

No supplemento indica mais quatro monogrammas duvidosos com o celebre A D, n.ºs 351, e 360-362. Veja-se em geral o extenso artigo dedicado a Dürer, pag. 150-219.

² Thausing. *Dürer*, etc., pag. 144. Tradução literal:

«Sobre o direito de usar d'este nome só pôde decidir uma prova: a demonstração de caracteres ou qualidades intrinsecas nas obras sujeitas ao exame; todos os signaes meramente exteriores, dados em abono da procedencia original, perdem a sua significação, em Dürer mais do que em nenhum outro artista».

³ Thausing, *Op. cit.*, pag. 142. Tradução litteral:

«É certo que quasi todos os quadros de Dürer que se conservaram em Nürnberg até ao fim do seculo xvi, e ainda além d'esta data, chegaram á posteridade, em dois e mais exemplares. Esscs copistas de Nürnberg, ou para dizer melhor, falsificadores de Dürer foram principalmente: . . . seguem os nomes de oito falsificadores e outros, u. A. (und andere). Conclue:

«Esta escola posthuma de Dürer não tem exemplo na historia. Nenhum grande mestre, nem ainda mesmo Raphael, tão ludibriado, foi perseguido com tanta tenacidade pelos falsarios como Albrecht Dürer».

Falsificava-se esse monogramma, porque elle representava um valor corrente, universal, tão universal: *ut mercatores ex tota Europa emanant suis exemplaria*, que todo o mundo o acceitava como ouro de lei.

Disse.

ADDITAMENTUM

A INSCRIÇÃO DE ARIAS MONTANO

Pelo que dissemos antes (pag. 150, 2.ª col.) se conclue que o retrato n.º 1 com o falso monogramma de Dürer apresenta uma contradicção flagrante, porque contem uma inscripção que não concorda com a idade do mesmo retrato. Não concordando tambem a gravura n.º 1 com o *desenho a carvão*, original de Dürer, pelas razões expostas no texto, devemos concluir, como já fizemos, que a gravura representa outro original, de auctor desconhecido,¹ entre os annos 1540 a 1544.

A inscripção discordante seria accrescentada em 1572 pelo gravador (Felipe Galle) quando se publicou a collecção iconographica a que elle pertenceu. Arias Montanus forneceria então a inscripção epigrammatica ao gravador.

¹ Reifenberg, (*op. cit.*, pag. 62) suppõe a existencia de uma pintura de Cornelius Graphæus (amigo intimo de Goes) de que o gravador J. Hogenberg (aliás Hogen) se serviu. O auctor belga reduz a gravura de Felipe Galle (que elle parece não ter visto) a essa mesma origem. Reifenberg refere-se, sem duvida, ao verso:

«Quis pinxit? Suis iste Graphæus quoque scilicet ille
Novit qui et versu, et pingere peniculo».

que é um fragmento de uma das poesias (*Farrago Carminum*) que ornão a edição dos *Opuscula* de 1544, em 4.º, Lovania, por R. Rescius. Essa poesia de Graphæus, intitulada: *Pictura illustris Damiani de Goes, Equitis Lusitani*, illustra e completa o retrato:

«Cuius imago ist hæc, placido sub pallida vultu?
Ridet purpureo suavis in ore rubor.
Frons læta, exporrecta, alacris, dulcedine quadam
Præ se fert puri pectoris indicium,
Blandi oculi, bene nigri oculi, coma nigra, capillis
Suberispis, nigro barba colore decens,
Prægraciles malæ, gracile est a pectore collum,
Sunt graciles digiti, sunt gracilesque manus,
Stat bene compositum iusto moderamine pectus,
Stat bene compositum parte ab utraque latus».

Uma das poesias de Graphæus, incluída na collecção de opusculos de 1544: *Xenia Saturnalia*, é assignada: *Antuerpiæ, e nostro musæo*, Pridie Thomæ Apost. hoc est ipsis Saturnalibus, 1530. Parece poder deduzir-se d'este trato com Graphæus o gosto de Goes pelas obras d'arte; a phrase: *pingere et versu et peniculo*, a rubrica da *Xenia*, a descripção artistica do retrato de Goes nos versos citados, tudo parece levar a crer que existiu com effeito um retrato de Goes, pintado por Graphæus. Foppens (*Bibliotheca belgica*, vol. 1, pag. 201) gaba o talento artistico de Graphæus. «Vir ævo illo disertus, e variæ eruditionis, Poeta, Orator, Historicus, et Cantor Eximius, ac variarum Linguarum peritus . . .»

Foppens, *Bibliotheca Belgica*, Bruxellis, 1739. Vol. II, pag. 1032, escreve:

«Philippus Gallæus, Batavus, Harlemensis, Chalcographus insignis, de Republica literaria, & arte pictoria optimo meritis, *Ben. Ariam Montanum*, Ortelium, Moretum unice coluit.» E cita em seguida entre as suas collecções de gravuras, em segundo lugar:

Effigies CL Virorum, versibus Ariæ Montani ornatae; sem data, nem lugar de impressão, nem marca de formato. Note-se o: *versibus Ariæ Montani ornatae* que vem confirmar a nossa hypothese. É certo que as collecções citadas por nós¹ em 1877 (*Arch. art.* fasc. IV, pag. 149 nota 2) accusam titulo differente: *Effigies XLIV doctorum virorum de disciplinis bene merentium*. Antuerpiæ, 1572. Em 4.º e in-fol. e *Effigies LI doctorum virorum qui bene de studiis litterarum meruere*. Antuerpiæ, 1581 e 1587. Em 4.º e in-fol. No entanto, é preciso notar que Foppens abbreviou os titulos das collecções que cita, como se verá confrontando-os com as citações rigorosamente bibliographicas de Nagler (*Die Monogrammisten*, Munchen, 1878, vol. IV, pag. 889.) O que nos interessa principalmente na citação de Foppens é a nota: *versibus Ariæ Montani ornatae*. Felipe Galle nasceu em 1537 e morreu em 1612. Goes regressou ao reino em 1545, para não sahir mais, trazendo comsigo, de certo, o precioso desenho de Dürer. O gravador Galle tinha então oito annos, não podia pois conhecer essa obra. Querendo gravar depois o retrato de Goes lançaria mão d'outro original, de auctor desconhecido, executado entre 1540 a 1544, antes de Goes regressar a Portugal. A existencia d'esse outro original explica-se: Damião de Goes havia-se distinguido pouco antes no cerco de Lovania (1542); depois soffreu um longo captiveiro em França; em 1544 recebeu, como premio de seus serviços em Flandres, o novo escudo d'armas de Carlos V, confirmado por D. João III. Em 1544 se publicou a primeira collecção completa dos *Opusculos* em Lovania. Goes tornára-se uma celebridade em Flandres, um patriota;² os seus amigos e admiradores (ou talvez a propria cidade de Lovania) desejaram possuir o seu retrato. Felipe Galle deu-lhe depois um lugar de honra na sua galleria

¹ Apud Brunet (5.ª ed.) vol. II, pag. 1464.

² Pedro Nannio, amigo intimo de Goes tambem publicou uma relação do cerco de Lovania, glorificando a sua conducta:

Petri Nannii *Oratio de obsidione Lovaniensis*: adjunctus est dialogus de milite peregrinos. Lovanii, Seruatius Sassenius, 1543, pag. em 4.º de 30 folhas, sendo uma branca. Apud Brunet (vol. II, pag. 1463).

Ha ainda sobre o mesmo assumpto, em flamengo:

Waerachtige geschiedenisse welcke Damiano a Goes toegecomen in als de vianden met Merten Van Rosshem voir Loven waeren. Loven, weduwe Vander Hart 1760 in-16.º de 44 pag. inn. com notas. Apud Reifenberg (*op. cit.*, pag. 61) o qual diz ser uma traducção quasi contemporanea da relação latina de Goes, impressa em Lisboa em 1546.

utilizando-se para esse fim do original (desconhecido) mandado executar em 1542, 1543 ou 1544.

É possível que o auctor d'elle fosse algum d'esses artistas que atraz citamos (pag. 151) como pertencentes á *escola posthuma* de Dürer, e que tanto abusaram do seu monogramma.

Seria impossivel ainda pôr a gravura n.º 1 em relação com outro original de Dürer differente do *desenho a carvão*, porque a idade do retratado refularia essa relação em todos os casos.

A gravura representa 40 annos, pelo menos, ou a data 1541.¹

Dürer morreu em 1528, quando Goes tinha apenas 27 annos.

Não ha por onde sahir d'este dilemma; ninguém ousará affirmar que o *desenho a carvão* representa a mesma idade da gravura n.º 1. Seria absurdo; seria cegueira não vêr no segundo retrato os fundos sulcos cavados nas faces de Goes pelas desillusões da vida, pelas intrigas aulicas² e pelos trabalhos de suas longas viagens. Os labios firmemente cerrados, denunciam ainda a vontade resistente, varonil; mas os grandes olhos rasgados, limpidos, já se encheram alguma vez de lagrimas e fitam o mundo como quem o conhece a fundo. Por sobre o rosto passou já a sombra da melancholia; um vago presentimento do futuro tenebroso illuminou a sua vasta e nobre fronte que se occulta debaixo do chapéu tricornie para não confessar tudo o que advinha. É bem a sua figura: *placido sub pallida vultu!* mas Goes emmagreceu; as linhas do rosto accentuam-se com dureza. E de facto, quando o original d'esse retrato foi executado já Goes tinha esbarrado com o Infante D. Henrique, já o *veto* do Inquisidor Geral o tinha ferido.³

Nada d'isso no *desenho a carvão*; nem uma leve sombra em todo o rosto. No olhar — *blandi oculi, bene nigri oculi* — apenas a vaga curiosidade de quem entrou ha pouco no labyrintho da vida. Na expressão, no vestuario escolhido e raro, em tudo,

¹ Ou quando muito, a data 1544 (Goes tinha então 43 annos), porque em 1545 estava já em Portugal.

² Veja-se a poesia significativa que André de Resende lhe dedicou: *De Vita aulica*, ed. de *Opusculos* de Goes de 1544 e 1602. O Jesuita Schott (1603) cortou essa poesia, por demasiado azeda.

³ É de 28 de julho de 1541 a carta do Infante em que lhe dá conta da prohibição que lançou contra o opusculo de Goes sobre a fé e religião dos Ethiopes. A edição prohibida não é a de 1541, como Lopes de Mendonça imagina (sem a ter visto, *Annaes*, 1859, pag. 330; os dois volumes, de que falla, são phantasia) nem mesmo a anterior de 1540, como verificámos por uma confrontação rigorosa, linha a linha, do texto de 1540 com o do Jesuita Schott que se deve ter como expurgado. O texto de 1540 offerece pouquissimas variantes. A edição prohibida deve ser, ou a de 1533 ou a de 1538 (avulsas); ha d'ellas uma unica reimpressão em 1618. O texto incriminado falta, portanto, em todas as seis collecções de *Opusculos*, por isso que a primeira é de 1541 (1541, 1544, 1574, 1602, 1603 e 1791).

o retrato do perfeito fidalgo, educado, desde a infancia, na primeira corte da Europa.¹

É escusado lembrar que a identidade do trage nada prova. Goes podia vestir-se com 25 ou 26 annos do mesmo modo como com 40;² a moda de 1540 era a mesma de 1526, como se prova nos trabalhos especiaes.

Apesar de tudo isto a gravura n.º 1 conserva um certo valor; como obra d'arte é mediocre, mas ella representa-nos o illustre varão no momento em que, voltando á patria,³ trocava a corôa de louros, que até alli lhe aureolára a fronte, pela corôa de espinhos do martyr da verdade e da justiça.

Os outros retratos teem menos importancia. Vimos os n.ºs 3, de 1602; n.º 4 de 1612 e n.º 5 de 1688; vimos ainda os n.ºs 7, 8 e 9, todos tres d'este seculo.

O n.º 1 e 2 fundem-se n'um só, pelas razões já declaradas.

O n.º 3 de 1602 é provavelmente uma redução de Galle.

O n.º 4 de 1612 é uma imitação pouco feliz do anterior n.º 3.

O n.º 5 parece-nos uma copia inexacta do n.º 3.

O n.º 6 não o vimos.

O n.º 7 é evidentemente uma copia do n.º 3.

O n.º 8, redução muito mediocre, está no mesmo caso.

O n.º 9 é uma ampliação, algum tanto phantasiada, do n.º 3.

Os n.ºs 10, 11 e 12 estão no Rio de Janeiro, na collecção que foi de Barbosa Machado.⁴ Devem ser classificados do seguinte modo, segundo todas as probabilidades: o pequeno, circular, de madeira, é n.º 4; o segundo é o de Hogen ou Hogenberg (n.º 3); o terceiro será talvez o de Galle, que B. Machado citou na *Bibliotheca lusitana*, pela primeira vez, entre nós.

Ha ainda noticia de um retrato publicado em 1562 em um volume impresso em Colonia á custa de Rinaldo Rovilio que não podemos achar. O volume deve trazer uma *vita* de Goes extensa, e talvez alguns dos opusculos latinos. Confessamos que temos séria duvida ácerca d'esta edição que escapou a todos quantos teem fallado de Goes.⁵ Ha uma edição

dos *Opusculos* impressa em Colonia em 1574 apud *Gervinum Calenium*; é a unica collecção de opusculos que nos falta vêr; não sabemos se ella tem retrato. A familia Rovilius era de Lyon; temos presente edições d'esta cidade do principio do seculo xvii, assignadas: *apud Hæred. Gvlielmi Rovilli*.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

RELATORIO

APRESENTADO PELO

SR. JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

NA

SESSÃO SOLEMNE

DA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Em 2 de Maio de 1879

Senhor:

Vossa Magestade dignou-se presidir á sessão solemne d'esta Real Associação, como Seu Augusto Protector e Presidente Perpetuo, no mez de Junho de 1876, para conferir medalhas a tres socios laureados, que haviam pelos seus importantes trabalhos artisticos e de archeologia merecido essa honrosa distincção. Tive então, a honra de relatar quaes tinham sido os successivos desenvolvimentos que esta Associação havia obtido desde a sua fundação, as investigações archeologicas que se haviam feito em *Vianna do Castello*, *Affife* e no *monte de S. Roque* na provincia do Minho, mencionando os diferentes objectos achados ali de remota antiguidade: cabe-me hoje tambem a honra de informar a Vossa Magestade, e á Assembléa que assiste a esta sessão solemne, tanto do augmento que têm adquirido as collecções do nosso museu, como de outros importantes descobrimentos e publicações archeologicas feitas pelos nossos consocios sempre desvela-

¹ Goes era moço da camara de D. Manuel com 16 annos (*Chronica*, Parte iv. cap. xx) e muito estimado pelo monarcha, como se vê em outras passagens da mesma obra.

² Weiss, *Costümkunde*. Stuttgart, 1872. Vol. v, pag. 511 e seguintes: *Das Kostüm des sechszehnten Jahrhunderts*.

³ Voltava, cedendo ás repetidas instancias do Rei e da Rainha, contra todos os seus projectos, e fazendo enormes gastos. Tudo para servir o rei e a patria!

⁴ Foi elle que juntou a grande collecção de retratos de portuguezes celebres que existe no Rio de Janeiro, em 4 vol. Veja-se I. da Silva. *Dicc. Bibl.* Vol. vii, pag. 80-95 e os *Annaes* da Bibliotheca do Rio, (em via de publicação).

⁵ O unico que a cita é o Padre Francisco da Cruz S. J. n'um manuscrito da Bibliotheca Real da Ajuda (C. N. 12 da livreria dos Condes de Redondo, fol. 5) Diz elle:

«Era tão amado Goes das nações estranhas que no anno de 1562 sayo impresso hu livro em Colonia Agrippina por ordem e á custa de Rinaldo Ruilio (sic) q trata cõ m.^{to} resp.^{to} sua uida e couzas cõ seu retrato no principio».

Devemos a communicação d'este precioso manuscrito ao nosso amigo o sr. Rodrigo Vicente d'Almeida, digno official da Bibliotheca Real. O Padre Cruz mostra estar bem informado da bibliographia goësiana, porque a nós mesmo, que temos os melhores subsidios e os mais completos, deu alguma novidade. Na parte biographica consulta fontes hoje perdidas; portanto, n'esta parte, offerece ainda mais noticias ineditas. O ms. é posterior a 1619, por isso que cita a edição da *Chronica de D. Manuel* impressa n'esta data; comtudo a data em que foi escripto não deve ir mais além de 1630.

dos pelos estudos scientificos e pelas antiguidades do solo portuguez, dando assim maior esplendor, em o nosso paiz, a tão especial instrucção.

Tomámos parte, tambem d'esta vez, na Exposição Universal que se realisou em Paris no anno findo, enviando para a galeria do palacio do Trocadero 114 instrumentos prehistoricos.

O descobrimento de maior interesse archeologico, não só com relação a Portugal, mas para o mundo scientifico, foi o achado na Beira-Alta de um deposito de 19 machados da *idade de bronze*; porque indica (talvez), ter havido uma fundição n'aquella remota epoca no solo da Lusitania, e porque o seu *especial typo* e *dimensões* causaram a admiração dos sabios estrangeiros, que os examinaram na dita exposição.

Outro importante descobrimento foi feito pelo nosso consocio o sr. Gabriel Pereira, na Serra de Ossa no Alemtejo, de tres Dolmens, entre os quaes ha um com um *furo quadrangular* na pedra que forma o fundo da camara d'este monumento megalithico. Mandámos ao congresso internacional de Anthropologia e de Archeologia reunido em Paris, durante a ultima exposição universal, os desenhos que os representavam, e ali causou grande novidade esta singular configuração, pois sómente na Palestina e no Caucaso existem outros com a mesma particularidade, de terem o furo quadrangular.

Não foi menos importante ter-se descoberto a remota *estação de Licéa*, na proximidade de Bellas, havendo ali encontrado o nosso digno consocio o sr. conselheiro Carlos Ribeiro, pelas excavações a que mandou proceder, vestigios do mais subido interesse para os estudos prehistoricos em Portugal, vindo a confirmar outros descobrimentos, não de menor importancia, que o nosso distincto consocio o sr. dr. Costa Pereira havia feito anteriormente em Cabeço da Arruda.

Recebemos do Alemtejo uma collecção de *machados da epoca neolithica* e em estado de perfeita conservação, bem como um machado de bronze de typo primitivo.

Do Algarve foram-nos offerecidas igualmente duas bellas facas de silex de apurada execução e de grandes dimensões.

Um *Celte votivo* de singular pequenez e de esmerado trabalho, recebemos do Minho.

Da epoca romana obtivemos de Tavira dois fragmentos de *inscripções* de summo interesse, pois commemoram os nomes de dois cidadãos romanos, que haviam contribuido para se construir o *podium* do amphitheatro de Balsa, a nobre cidade que o povo-rei ali fundára; assim como, das margens do Guadiana nos veiu um fragmento de mosaico com diversas côres, e igualmente outro achado em Evora. Todavia n'este genero o mais notavel foi o mosaico descoberto em Lisboa, nos ultimos mezes do anno findo

e que estava soterrado em um predio da rua de S. João da Praça.

Do Brazil offereceu-nos o nosso socio honorario o sr. Gonçalves Roque uma preciosa collecção de medalhas relativas aos acontecimentos mais notaveis d'aquelle imperio; bem como do digno socio o sr. visconde Sanches de Baena recebemos a *Carta Architectural* da cidade do Rio de Janeiro, na qual estão desenhadas nas frentes de todas as ruas os edificios d'aquella capital.

Será inutil encarecer o importantissimo melhoramento que se realisou n'este venerando edificio, tanto pela remoção dos entulhos das naves, pela desobstrucção do portal principal, como pela construcção da escadaria que, desafrontando as columnas do frontespicio, facilitam a entrada para o Museu. Esta obra foi mandada executar pelo actual digno presidente da Camara Municipal o sr. Rosa Araujo, com a approvação de seus collegas, afim de satisfazer este nosso empenho, e a sollicitação dos nossos consocios os srs. visconde de Alemquer e José Tedeschi, antigos vereadores; pelo que merecem, não só os encomios de todas as pessoas que veneram as nossas antiguidades, como mui especialmente d'esta Real Associação, que tem por dever da sua instituição velar para que se conservem os typos de architectura do nosso paiz, que tanto realçam a arte, e são immorredouros padões das glórias nacionaes.

Do mesmo modo estamos gratos ao Ex.^{mo} Sr. Ministro das Obras Publicas por ter annuido a mandar reformar a porta principal que veda a entrada para este recinto, hoje destinado ao culto artistico e scientifico.

Poucas são as publicações que nos tempos modernos se tem dado á luz em Portugal sobre a archeologia, e n'aquellas que se fazem notar pelo grande talento e profundo conhecimento dos seus auctores, muito se distingue a de um dos nossos consocios o sr. Joaquim de Vasconcellos, o mais incansavel n'esses trabalhos que bem mereceram ser tomados no devido apreço por esta Real Associação, que em testemunho publico de applauso o designou para ser laureado n'esta solemne sessão.

Limitadas restaurações têm sido empreendidas no decorrer do xix seculo em Portugal nos edificios monumentaes, porque a attenção dos poderes publicos é attrahida para negocios d'interesses mais positivos, e por isso não lembram os monumentos que successivamente vemos arruinarem-se cada vez mais, apezar da nossa profunda convicção de que não os deviam descurar, para que as formas elegantes e opulentas d'esses monumentos (modelos para todos), que nos haviam sido legados por augustos fundadores como grata memoria de factos historicos e piedosas acções, fossem conservadas para passarem á posteridade.

Ha felizmente uma excepção, que merece os louvores dos que prezam a architectura civil, e conservam o sincero patriotismo pelas glorias passadas: é a esmerada restauração que se está executando no edificio religioso de Nossa Senhora da Victoria no afamado monumento da Batalha, continuando ali os trabalhos para que a restauração seja completa. Tão urgente e sensata resolução deve-se principalmente á poderosa e esclarecida protecção de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando, a quem se deverá igualmente a conservação d'esse notavel edificio, que não só pela sua grandiosa e esbelta architectura, mas pelo alto feito que assignala na historia de Portugal, é duas vezes venerando.

Mas não era bastante darem-se as providencias, para evitar que esse edificio padecesse maiores ruinas, era tambem essencial escolher um habil architecto que conhecesse as regras da sua profissão e soubesse respeitar o estylo da fabrica, e sobretudo que tivesse o bom senso de não alterar com innovações intempestivas o character architectonico d'esse monumento.

É, pois, com tão judicioso intuito, que o distincto architecto portuguez o sr. Lucas José dos Santos Pereira dirige aquella importante e difficil restauração vae para vinte e oito annos; e em consideração de tão esmerado trabalho esta Real Associação deliberou, com inteira justiça, conferir-lhe uma medalha de prata.

Desde a antiguidade que os povos mais adiantados na civilisação tiveram o cuidado de perpetuar a memoria dos varões mais afamados pelo seu valor, saber e talento, e áquelles que se tornavam dignos de honrarias, erigiam-se estatuas que recordassem ás gerações vindouras o nome e o merecimento d'esses entes privilegiados aos quaes a Providencia dotára d'animo varonil e de intelligencia superior. As nações modernas têm seguido este exemplar procedimento, e hoje que a civilisação attingiu o maior desenvolvimento em muitos pontos do globo, não só consagram esses monumentos publicos aos seus homens mais illustres, mas tambem filiam os das outras nações, estabelecendo assim uma fraternisação de sciencia, que é universal, e chamando para os estranhos os testemunhos da veneração e de premio, que eram só dados aos nacionaes, como benemeritos da patria. É pois para igual tributo de admiração, que nos merece a fama do insigne litterato e archeologo hespanhol o fallecido D. José Amador de los Rios e Cortez, que foi nosso socio honorario, que esta Real Associação votou a collocação do seu retrato entre os outros dos nossos distinctos compatricios, que ornão a nossa modesta galeria de varões prestantes, como merecida homenagem ao seu talento e saber, e ás publicações com que dotou o seu paiz e enriqueceu a sciencia moderna.

Eis, Senhor, em resumida apreciação e em singelas phrases, quaes têm sido os nossos trabalhos no decurso d'estes dois annos; qual o constante empenho em darmos impulso aos estudos architectonicos e de archeologia em Portugal, e qual o desvelo com que pugnamos pela conservação dos monumentos nacionaes, para que a nação portugueza siga o desenvolvimento, e adopte os exemplos que os paizes mais adiantados lhe dão n'este ramo de sciencia, e da devida apreciação dos monumentos. Supponho, portanto, que será partilhado pelo publico illustrado da capital e pela imprensa o regosijo que esta Real Associação experimenta, podendo laurear socios seus, que mais se tenham votado ao engrandecimento e ao progresso d'estes estudos na sua patria.

Senhor: Vossa Magestade é o Augusto Protector das Bellas Artes e das antiguidades nacionaes, já dotando os estabelecimentos onde ellas se cultivam, já contribuindo com avultadas verbas para a restauração dos nossos monumentos, já auxiliando generosamente os estudos dos noveis artistas; — dá por esta forma o nobilissimo exemplo de quanto preza todos os progressos artisticos e scientificos d'esta nação, que tem a ufanía de contar a pessoa de Vossa Magestade em o numero dos seus mais respeitados e queridos monarchas. A par dos dotes tão superiores que tanto distinguem Vossa Magestade entre os outros Principes da Europa, não podia deixar de sobresahir a bondade inexcédível que Vossa Magestade prodigalisa a todos que teem a ventura de prestar homenagem á *Arte* e á *Sciencia*. É pois para animar os nossos esforços que aprouve a Vossa Magestade distribuir n'esta sessão as merecidas recompensas aos cultores mais distinctos dos nossos estudos, pelo seu saber, talento e assiduidade nas investigações archeologicas; pela sua habil e competente profissão architectonica; pelo seu raro criterio e profunda erudição. Por estas considerações e por assignalados serviços, esta Real Associação lhes votou medalhas, e recebendo-as elles das reaes mãos de Vossa Magestade, mais subida se tornará tal distincção para os laureados, e mais grata será para a nossa Real Associação a commemoração do presente dia.

Queira pois Vossa Magestade receber, em nome da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, os mais respeitosos agradecimentos por se haver dignado presidir a esta sessão solemne, bem como os protestos da nossa dedicação e eterno reconhecimento.

Disse.

SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES

CONSIDERAÇÕES

Á CERCA DA

HYGIENE DAS CONSTRUÇÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 9, pag. 132)

Dissemos que havíamos de tratar em seguida ao artigo *Escolas*, das *fossas* ou reservatorios de matérias fecâes — (*lieux d'aisances*), com quanto também já dissessemos que em Lisboa não era adoptado esse systema de limpeza. Como porém nas casas das escolas e em outros logares se possa dar esse caso, faremos a enumeração dos males que d'ahi podem provir.

Os vapores e gazes que de taes logares se exhalam têm por base o gaz acido sulphydrico, alkali volatil, como acontece nas latrinas, alem do máu cheiro que um e outro logar espalham na atmosphera. É por isso necessario evitar taes depositos proximos das habitações e muito especialmente das escolas. Aquelles vapores fazem sentir os seus danos nos órgãos respiratorios, na garganta, nos olhos, e no estomago, e operam com maior promptidão e mais força nas creanças do que nas pessoas adultas.

É portanto essencial que se evitem taes danos por dever hygienico, e por dever de humanidade, perante a sociedade e a consciencia das pessoas responsaveis pelas creanças. Recommendamos por isso o artigo especial do livro do sr. *Theodoro Chateau* que trata d'este objecto, bem como do artigo seguinte que tem com elle grande relação e paridade.

Agua de limpeza, detritos, e outras immundicies.

— Recommendamos a mais seria attenção sobre este objecto; as aguas de limpeza e detritos que impensadamente muitas vezes se conservam no interior ou proximo das habitações exhalam o fetido das matérias animaes e vegetaes em decomposição.

Os meios para isso se evitar são tão facéis e tão sabidos que é ocioso mencional-os: aceio, cuidado, e boa vontade, é quasi o que basta para se conseguir o cumprimento de um dever em relação a nós, ás familias e até aos vizinhos. Uma pia de chumbo ou, melhor, de pedra, munida de um syphão e canno que leve essas aguas de lavagens, e mesmo limpezas de carnes, peixes, etc., aos cannos de esgoto com sufficiente corrente, lavagens repetidas e abundantes com agua limpa, e melhor ainda as aguas da chuva

para ali encannadas, são meios pouco dispendiosos que não deve desprezar, nem esquecer, quem apreciar a sua saude e a das creanças particularmente.

Os saguões das casas quando cuidadosamente limpos e arejados são de grande utilidade á salubridade das habitações, bem como os quintaes e ainda melhor os jardins. É por isso um grande erro tapar, empachar e descurar aquelles logares ou qualquer espaço livre que tanto concorrem para a boa ventilação e salubridade das habitações. Infelizmente os habitantes das casas pequenas, e mais agglomeradas, são aquelles que mais se privam d'essas boas condições de salubridade que nenhum outro meio pôde substituir; uns por desmazello, outros por ignorancia, vão assim causando damno a si e aos vizinhos. As cavallariças, abegoarias, capoeiras, coelheiras, etc. são muitas vezes causa de insalubridade das habitações a que estão contiguas, tanto pela infiltração das urinas como pelo deposito dos estrumes, e tanto pela immundicie como pelo empachamento que obsta ao aceio.

Deve-se portanto evitar, quanto possivel, taes visinhanças. A policia sanitaria deve vigiar e visitoriar amiudadamente taes estabelecimentos, quando se não possam evitar, e n'esse caso obrigar-os a sanear os logares e tornar os estrumes inodoros por meio da cal, de gesso em pó, sulphato de ferro ou alcatrão do gaz com cré, 6 partes d'aquelle para 1 d'este ultimo, o que melhor explicaremos quando tratarmos da hygiene das construcções ruraes.

VIII

Tem-se fallado muito ácerca de bairros operarios e tem-se discutido largamente a sua utilidade em relação ao commodo e bem estar do operario, tanto financeira como hygienicamente. Quanto a nós, não julgamos que a formação de taes bairros seja de grande utilidade para os operarios em geral, e só admittiriamos a formação de casas, denominadas *casas baratas para operarios* nas immediações das fabricas, e essas mesmas por conta dos proprietarios d'estes estabelecimentos, destinando-as elles para os seus operarios fabricantes.¹

Para que taes casas possam ser uteis a esses

¹ A Companhia de Tecidos Lisbonense construiu a Santo Amaro uma serie de casas junto á fabrica, que aluga indistinctamente, obrigando assim a que os estranhos façam concorrência aos operarios. Esse methodo é bom para arrendar as casas por mais do seu valor, mas não pôde considerar-se beneficio ao operario: comtudo já é alguma cousa.

indivíduos, e não darem perca ao proprietario, é necessario fazer construcções especiaes, tanto em relação á hygiene como em relação á construcção, para que fiquem baratas.

O typo d'essas casas e o modo de as construir é por emquanto quasi desconhecido em Portugal.

Devem-se edificar em logares saudaveis, tanto em relação ás proximidades como á natureza do solo e de modo que possam ser bem ventiladas.

Ter attenção a que possam ter abundancia de agua tanto para beber como para lavagem e que a despeza para a obter esteja ao alcance das posses dos locatarios.

Deve-se evitar que as frentes estejam voltadas ao norte assim como o emprego de meias portas no interior das casas e o abuso de fechos e ferragens, porque uma e outra cousa tornam a edificação cara, sem utilidade real. O mesmo se recomenda relativamente ás janellas de sacada e grandes bandeiras no interior.

As janellas devem ser poucas, tão sómente as necessarias, mas essas que sejam grandes e bem rasgadas afim de darem livre entrada á luz e ao ar, evitando sempre todos os obstaculos da boa circulação do ar.

As casas de duas frentes, e mesmo mais, têm o inconveniente das correntes de ar continuas e bruscas que são sempre perigosas, circumstancia a que é necessario attender, havendo todavia cuidado em estabelecer sufficiente ventilação nos quartos e escadas.

As cosinhas devem ser espaçosas e claras, por isso que os operarios fazem da cosinha de ordinario casa para comida.

Os despejos e pias fóra das casas e com syphão de ferro.

Taes casas não devem nunca ter pequenos saguões para evitar os desleixos tão communs em taes familias.

Pequenos quintaes terreos e, podendo ser, arborizados, é o mais conveniente.

Que se trate de casas isoladas ou de andares é circumstancia essencial, ventilação e claridade, tendo sempre em vista o isolamento (quanto possivel) de visinhos muito proximos e accumulados.

A disposição das casas depende necessariamente da configuração do terreno, mas deve-se fazer o possivel para que essa disposição seja em grupos de 4, o que offerece reconhecidas vantagens, especialmente quando cada casa possa ter o seu quintal.

Que a casa seja para um só inquilino ou para dois, não deve nunca exceder a segundo andar além das lojas.

São estas as condições em que admittimos casas para operarios fabricantes.

Quanto porém a bairros operarios, não os julga-

mos uteis a essa classe, por isso que não tendo os artistas estabilidade de local de trabalho, tão depressa estariam perto como longe das habitações. Além d'isso não julgamos conveniente a accumulção d'aquelle genero de gente, tanto em relação á boa ordem como á policia indispensavel.

Seria difficil tornar aquelles bairros de grande commodidade em comestiveis para os consumidores, por isso que, tendo o sitio a *alcunha de bairro dos pobres*, não haveria ali por conseguinte grande concorrência de vendedores, e os que houvesse seriam sem duvida de generos inferiores, porque os estabelecimentos bem fornecidos só a grande distancia se encontrariam.

Pela mesma razão do *appellido do bairro* fugiria d'ali outro genero de habitantes; por isso que certa ordem de gente tem repugnancia em morar em bairro mais pobre ou menos aristocratico, prefere uma agua-furtada no *Chiado a uma boa casa na Adiça*, facto que aconteceria, e que sem duvida seria precario aos proprietarios.

Não devera tambem deixar de se pensar nos socorros de medicina, a não ser que no bairro houvesse tudo, e que tudo podesse ser sustentado pelos habitantes, não esquecendo tambem *escola para as creanças*, que é quanto a nós circumstancia essencial para o bem do paiz e da liberdade.

Celleiros ou Tercenas. — Em todas as cidades é este um genero especial de edificação em que se attende sempre e com razão ás exigencias especiaes dos cereaes, e muito especialmente do trigo que, para bem se conservar, é necessario estar amontoado em armazens de um ou mais andares que não sejam nem muito quentes nem humidos, mas bem arejados. A espessura dos montes não deve exceder 0^m,50 para o trigo de um anno e 0^m,60 para o de tres annos: esses montes devem ter o espaço livre de 1 metro de largura entre si e a parede, e no sentido da largura todo o comprimento de 10 a 20 metros por 4 a 5 metros de distancia de uns montes aos outros.

Nas grandes cidades edificam-se tercienas de sete e oito andares sem contar o rez do chão, que tudo se utiliza para guardar trigo e outros cereaes.

A altura de cada andar é de 3 metros, o que é sufficiente para arejar os generos.

O trigo é ali conservado em montes de comprimento minimo 8 metros, e maximo 20; nos montes espetam-se ripas de madeira secca e espalham-se em cima alguns vellos de lã por lavar; precauções necessarias para livrar do gorgulho; e de tempo em tempo padeja-se o trigo fazendo-o mudar de logar, descrevendo no ar uma curva de 2^m,50 de altura, para o limpar da poeira.

As dimensões das paredes e resistencia dos sobrados são calculadas para resistir ao peso que têm

de supportar, servindo de base um hectolitro de trigo que pesa 75 kilogrammas pelo menos.

Os pontáletes ou supports dos diversos andares são espaçados entre si de 4 a 5 metros o máximo para qualquer dos lados afim de evitar o alquebramento dos sobrados em virtude do peso e dessecação da madeira.

Os pontáletes dos diversos andares são collocados exactamente uns sobre outros, isto é, na mesma

prumada e sem interrupção alguma além dos sobrados interpostos; por isso que assim não se dá nunca o caso de mudança de extensão em virtude da dessecação que se não opéra nunca no comprimento, mas sim normalmente á largura das fibras, e n'esse sentido diminue o pinho $\frac{1}{75}$ por cento e o carvalho $\frac{1}{83}$.

(Continua)

F. J. DE ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MEMORIA SOBRE A ANTIGA VIANNA DE SANTA LUZIA

As investigações archeologicas que o nosso distincto architecto o ex.^{mo} sr. Possidonio da Silva fez em abril de 1877 no monte de Santa Luzia, que domina pelo norte a cidade de Vianna do Castello, causaram grande ruido pela singularidade das construcções descobertas. Mas depressa o enthusiasmo esmoreceu, e aquellas ruínas ficaram de novo sujeitas á acção destruidora do tempo, e, o que é mais, ao vandalismo dos pastores. São aquellas ruínas as da antiga Vianna, como affirmam escriptores que merecem especial credito, e que sobresaem aos demais em conhecimentos e antiguidade, como são Rufo Festo Avieno, o Bispo de Tuy Prudencio Sandoval, Fr. Luiz de Sousa, o Arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha, e Bluteau.

Todos os escriptores, mesmo os que confundem Vianna antiga com Britonia, concordam n'um ponto fundamental que tomamos para ponto de partida: «Os Gallos Celtas no seculo III antes de Christo fundaram uma povoação, na margem do Lima, a que chamaram Vianna.»¹

Conhecemos na Peninsula mais nove povoações com este nome de Vianna. Esta simples consideração geographica nos leva a crer que um poderoso motivo impelliu os Celtas a dar este nome ás suas colonias. Seria o de religião (culto á deusa Diana)? seria o de recordação de sua patria (Vienna do Rhodano)?

Qualquer d'estas razões nos explica a origem do nome de Vianna dado á colonia da foz do Lima.

Corria o anno 137 antes de Christo, ou melhor, tinha a nossa Vianna 160 annos de existencia, quando Decio Junio Bruto veio como proconsul de Roma á Lusitania e conquistou este paiz até ao Oceano. Ape-

sar dos receios de seus soldados, Bruto passou o Lima, o celebrado Lethes, e triumphou dos Callaicos, sendo d'ahi em diante appellidado Bruto Callaico.

Não nos dizem os escriptores latinos se elle conquistara Vianna, nem se esta lhe tomara o nome em reconhecimento da sua brandura.

N'este ponto é que se começa a suscitar a questão: Brutonia ou Britonia e Vianna antiga seriam uma e unica cidade ou povoações distinctas? No ultimo caso, qual o sitio de cada uma?

Em Rufo Festo Avieno, poeta hespanhol do seculo IV, natural de Talavera, na sua obra *Descripção do orbe terraqueo*,² encontram-se estes versos:

«Nas margens do Lethes Diomedes edificou a cidade
«Chamada Calpe, onde agora está a formosa Vianna.»

Fr. Luiz de Sousa commentando os versos de Avieno diz que «a descripção representa sitio levantado e senhoril, e que não tocava o rio como agora.»³

No foral dado por D. Affonso III, em 1258, á povoação da foz do Lima, lê-se o seguinte:

«Quero fazer povoação o lugar que se chama *Atrio* «na foz do Lima; a esta povoação de *novo* lhe ponho o nome de Vianna.»³

Este documento tira-nos toda a duvida que poderia haver com respeito á existencia de uma antiga Vianna n'estes sitios.

A extensão das ruínas de Santa Luzia indica povoação importante.

Foi Fr. Bernardo de Brito em 1597 *que primeiro*

¹ Florian do Campo, *Chronica gen. de España*, edição gothica de Zamora, 1544, pag. 177.

Rodrigo Mendes da Silva, *Chr. univ. de Esp.* 1628, pag. 119. Garibay, *Poblacion gen. de Esp.*, 1645, pag. 180.

² *Poetae minores latini*, (de Wernsdorff) tomo v. — *Benedictina Lusitana*, 1644, tomo 1 pag. 409.

³ *Vida do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, Vianna, 1619, fl. 44 v.

³ Quem não poder ver o foral consulte a *Chronica da Condição*, Lisboa, 1760, tomo 1, pag. 514-515; tomo II, pag. 468. Apesar d'estas citações segue opinião contraria á nossa.

ousou escrever «que Britonia ficava juncto a Vianna moderna.»¹

O auctor da *Monarchia Lusitana* firma esta opinião em Ptolomeu, Vaséo, e Diogo Mendes de Vasconcellos.

Ora nós, examinando estes auctores, vimos que em Claudio Ptolomeu² apparece o nome de Bretolém, mas sem relação exacta do lugar, e todos sabem quantos erros alli não pullulam.

Diogo Mendes de Vasconcellos nos scholios aos quatro livros das *Antiquidades* de André de Resende,³ quando relaciona os nomes latinos das antigas cidades com as modernas, faz corresponder a *Bretolaeum*, Vianna de Caminha.

Consultemos agora Vaséo:⁴ «A cidade de Britolém era em Portugal, entre Douro e Minho (*interamni*) junto a Vianna de Caminha, que pertenceu ao arcebispado de Braga. O meu amigo Resende me affirmou existirem ainda vestígios d'aquella povoação. Consta com certeza pelas chronicas do Rei Affonso que o Bispado de Tuy foi limite do Britonense.»

«Entende Resende que o Bispado de Britonia é o mesmo que o Britolense. Esta cidade depois de libertada da tyrannia dos Mouros teve Bispo, o qual assistiu á sagração da Igreja de S. Thiago (de Compostella), como diz D. Rodrigo, Arcebispo de Toledo. Ignora-se quando foi destruida.»

Não nos diz Resende no seu livro *De antiq. Lus.* que o Bispado de Britonia e o Britolense são um e unico; não achamos lá tal affirmativa.

Lê-se na *Geographia antiga da Lusitania*,⁵ de Brito, o seguinte:

«Bretolém era perto de Viana de Caminha.»

E no tomo II da *Monarchia Lusitana*:⁶

«Estava n'esta provincia d'Entre Douro e Minho, perto de Viana uma cidade que as historias chamam Britonia ou Britonium, de que temos fallado muitas vezes n'esta obra, a que Almançor poz cerco.»

Poder-se-ha acaso deduzir d'estas citações que Bretolém era Vianna, e Britonia, Bretolém?

Entendemos que não. Analyse-mos.

É verdade existirem vestígios de uma povoação junto a Vianna, como affirmou Resende; também é certo que o Bispado de Tuy foi limite do Britonense, como se pôde ver nas primeiras paginas do tomo XVIII da *Espana sagrada* de Henq. Flores.

Ao segundo periodo de Vaséo temos a observar que Resende achou prudente calar no seu livro o que dissera a Vaséo, talvez por cautella da sua parte. É falso ter Britonia bispo depois de libertada dos Sarracenos, pois que n'essa invasão foi totalmente destruida.

Abramos Flores no tomo XVIII:¹

«Britonia é uma cidade que só se conhece pelos «monumentos ecclesiasticos... Vaséo, Brito e outros escriptores portuguezes a collocam no seu reino «junto a Vianna, na margem do Lima.»

Em seguida refuta a opinião de Vaséo e Argote,² concluindo por demonstrar que Britonia ficava em Mondonhede na Galliza e não em Portugal.

«Por causa dos Sarracenos a igreja do mosteiro «de Dume ao pé de Braga foi trasladada em 870 «para S. Martinho de Mondonhede (*Mindunetum*) «na Galliza, para onde passou o Bispado. Ao tempo «d'esta mudança já não havia Bispo em Britonia «(hoje Santa Maria de Bretoña³ ou Bretona a duas «leguas ao Sul de Mondonhede, perto da nascente «do rio Minho), pois tinha sido destruida a Séde «pelos Mouros, e se erigiu em seu lugar em Oviedo. «Desde o anno 870 é que o bispo de Mondonhede «se intitula de *Britonia*, por esta ter existido em «seu territorio.»

«Deve se portanto ter cuidado com as épocas d'estas mudanças, senão caímos em graves erros.»⁴

Este douto e profundo historiador nos tirou o trabalho da refutação.

Fr. Prudencio de Sandoval que revolveu os livros do Archivo da Sé de Tuy, a cuja diocese pertenceu a antiga Vianna, afirma-nos que «esta Vianna, onde «Theophilo, Saturnino e Revocata obtiveram a palma «do martyrio, é a velha, cujas ruinas estão no alto «do monte ao norte, e das quaes falla R. F. Avieno, «cujo livro em letra gothica está no Escriptorio.»⁵

O auctor da *Benedictina*, Fr. Leão de S. Thomaz,⁶ segue a mesma opinião que o esclarecido Bispo de Tuy.

O douto Arcebispo de Braga, D. Rodrigo da Cunha, liga todo o respeito e consideração ao que dizem Fr. Luiz de Sousa e Prudencio de Sandoval, quando fallam da antiga Vianna.⁷ E elle mesmo diz:

«Já Vianna nos tinha dado os Santos Theophilo, «Saturnino e Revocata, etc.»⁸

¹ *Espana sagrada*, por Henrique Flores, 1764, tomo XVIII, pag. 1 e 2. A cada volume junta Flores os documentos comprovativos.

² *Memorias do Arcebispado de Braga*, Contador d'Argote, 1734, tomo II, pag. 682.

³ Pag. 6 do tomo XVIII.

⁴ Pag. 26 e 48 do mesmo tomo.

⁵ *Antiquidades de Tuy*, Braga, 1610, pag. 45.

⁶ *Ben. Lusitana*, tomo I pag. 409.

⁷ *Historia Eccl. dos Arceb. de Braga*, Lisboa, 1634, tomo I, pag. 154 e 155.

⁸ *Idem*, pag. 261.

¹ *Monarchia Lusitana*, 1597, tomo I, pag. 133, e tomo II, (1609) pag. 352 v.; 2.ª edição, tomo I, pag. 176.

² *Cl. Ptolomei cosmographie*, Venetiis, 1486, liv. II, cap. V. Europa.

³ *De antiq. Lus.*, Eborae. 1592; na edição de Coimbra, 1790, é tomo II, pag. 365.

⁴ *Hispania illustrata (Chronicon hisp., Joh. Vasaei)* Frankfurt, 1603, tomo I pag. 622.

⁵ Appensa ao 1.º vol. da *Mon. Lus.*, 1597, cap. IV.

⁶ *Mon. Lus.* tomo II, pag. 352-353.

Decidem-se pelo nosso parecer Bluteau,¹ Padre Carvalho,² Baptista de Castro³ e até certo ponto Bezerra⁴

No *Martyrologio Romano* de Flavio Dextro encontramos estas duas citações:

«No anno 260 em Vianna junto a Tuy padece-ram o martyrio os Santos Theophilo, Saturnino e Revocata Virgem.»

«Junto de Tuy na Gallecia, na cidade (*in oppido*) «de Vianna floresceram os santos Pontífices Maximiliano e Valentino.» Isto no seculo iv.

E não se diga que esta Vianna junto a Tuy é diferente, pois que os corpos d'aquelles tres irmãos Martyres (padroeiros da cidade) estão sepultados na vertente do monte na Igreja da sua invocação, hoje do Collegio Ursulino.

Note-se que Dextro em varios logares falla de alguns martyres da cidade de Britonia, apresentando assim duas povoações distinctas uma da outra.⁵

Com tres citações de illustres auctores teremos por demonstrada a proposição que Britonia era em Mondonhede.

Luca de Tui, quando falla da divisão das egrejas feita no concilio de Lugo, a que presidiu Adolpho, Bispo da mesma cidade, escreve:⁶

«Que o Bispado de Bretonica tenha as egrejas «que estão proximas nos Britones, juntamente com «o mosteiro de Maximo até ao rio Ove.»

E mais adiante na divisão de Wamba:

«Britonia tenha o territorio desde Busa até Tor-rentes, de Occoba a Tobella e ao rio Ove.»⁷

Sandoval diz claramente:

«Bretoña que é Mondonhede»;⁸ e n'outro sitio menciona «Theodosindo, Bispo de Bretoña.»⁹

No *Diccionario Geographico de Hespanha e Portugal* do Dr. Seb. Miñano:¹⁰ verbo Bretoña ou Britonia, lê-se:

«S.^{ta} Maria de Bretoña na Galliza no bispado de «Mondonhede tem 1:249 hab.; uma parochia que «foi séde episcopal antes da invasão dos Sarrace-nos, de que sómente conserva fraços vestigios. Está «n'uma planura de mais de uma legua quadrada. «Dista 2 leguas da capital, 2 do rio Eo, 2 do con-«vento de S.^{ta} Maria de Meyra e 1 1/2 das fontes «onde nasce o rio Minho.»

Jorge Cardoso no tomo i da sua obra¹ segue a nossa opinião, porém cinco annos mais tarde, quando publica o segundo volume, muda de parecer.² Todavia não parece seguro do que affirma, porque no Indice geral, que faz no fim do volume, recae na opinião primitiva.

Analysemos agora tambem alguns periodos da *Chronica da Conceição*:

«Pelo que sem escrupulo se póde dar á nossa «primeira Vianna de antiguidade mais de 12 secu-«los e 37 annos, além dos 296 que lhe dão os au-«ctores.»³

«Na existencia da antiga Vianna ninguem póde «duvidar; além de muitos e graves AA. temos o «foral de D. Affonso iii.»⁴

Apesar do que deixa exposto, começa em seguida Fr. Pedro a confundir Britonia com Vianna, fundando-se em Brito na *Monarchia Lusitana*, no tomo ii do *Agiologio* e mui especialmente nos viannenses Castellão e Antonio Machado Villas-Bóas.

Já acima apontamos o conceito que nos mereciam Brito e Jorge Cardoso; com relação aos dois outros meus patricios direi que caíram em mui graves erros, talvez por excessivo amor patrio, além de innumeradas contradicções, quando affirmam a existencia de Vianna e Britonia conjuntamente.

Machado a pag. 9 das *Memorias antigas da Villa de Vianna*⁵, escreve:

«A cidade de Britonia conservou sempre extra-«muros um bairro chamado Vianna, para a parte «onde está a ermida que foi templo de Dianna.»

E João Castellão Pereira, no Ms. de 1700:

«Alguns dos seus bispos mudaram de domicilio «por causa das frequentes correrias dos piratas na «foz do Lima; foram estabelecer-se na cidade de «Britonia, que estava debaixo da sua jurisdição e «districto».⁶

O n.º 572 da *Chronica* acima referida⁷ resume as conclusões dos dois viannenses.

Não convinha aos que sustentam parecer contrario ao nosso negar completamente a existencia de Vianna n'este logar, para assim conciliarem as citações do *Martyrologio*, quando relata o martyrio dos santos viannenses nos seculos iii e iv, e os versos

¹ *Agiologio Lusitano*, 1652, tomo i, pag. 364.

² *Idem*, 1657, tomo ii, pag. 22 e 787 no *Indice topographico*.

³ *Chronica da Provincia da Conceição em Portugal*, por Fr. Pedro de Jesus Maria José ou Pedro de Sousa Menezes, Lisboa, 1760, tomo i, pag. 513.

⁴ *Idem*, tomo i, pag. 514-515.

⁵ Ms. de 1752 citado na *Chronica da Conceição* sob o nome de *Antiguidades do Lethes*; o original possui-o o sr. Antonio de Faria de Villas Boas, da casa da Carreira. O sr. Francisco da Rocha Paris tem uma copia extraída d'esse manuscrito.

⁶ *Epilogo de noticias sobre Vianna e sua fundação*. O original foi legado pelo seu auctor á confraria dos clérigos; depois passou ás mãos do sr. Thomaz Norton, e hoje está em poder do sr. Manuel José Felgueiras.

⁷ *Chronica da Conceição*, tomo i, pag. 516.

¹ *Vocabulario Portuguez*, 1712, tomo ii, pag. 495.

² *Chorographia de Port.*, 1706, tomo i, pag. 207.

³ *Mappa de Portugal*, 1762, tomo i, pag. 10. — *Geog. hist.*, de D. Luiz Caet. de Lima, 1736, tomo ii, pag. 16.

⁴ *Estrangeiros no Lima*, 1791, tomo ii, pag. 71-72.

⁵ Tambem se póde consultar o *Anno historico*, Lisboa, 1714, tomo ii, pag. 164 e 316.

⁶ *Hisp. illustrata*, 1603, tomo iii, volume iv (*Lucae Tu-densi, Chronicon mundi*) pag. 56.

⁷ *Idem*, tomo iii, pag. 57.

⁸ *Antiguidades de Tuy*, pag. 23 v.

⁹ *Idem*, pag. 55 e 55 v.

¹⁰ Dr. Miñano, Madrid, 1826, tomo ii, pag. 464 e 465.

de Rufo Fêsto Avieno do século v; pois é claro, se nos séculos iii, iv e v, existia Vianna n'este sitio, com certeza Britonia era n'outro lugar diverso. N'estas engenhosas citações que se apoiam reciprocamente, a verdade resalta.

Eis como a *Chronica* termina esta questão:

«Porém ainda que tudo o referido nos confirma «mais no conceito, que seguimos, de ser a antiga «Vianna juntamente Britonia, e ambas uma *só uniea* «cidade episcopal, attendendo ás variedades de opiniões e duvidas, cada um siga a opinião que lhe «parecer»¹.

Um viannense, Pedro de Almeida Couraças², descreve as ruínas de Santa Luzia do modo seguinte:

«Hoje 4 de janeiro de 1722 soubemos os fundamentos das muralhas da cidade antiga, a pouca «distancia da igreja de Santa Luzia; mostram no «circuito cidade grande; pelo nascente corre a muralha de sul a norte em linha recta, e por esta parte «mostra a qualidade e fortaleza que tinha: é de alvenaria de pedra e barro, porém a pedra não muito «grande, etc. . . Acham-se alguns vestígios de ali- «cerces de casas; porém não mostram que fossem «grandes pelo pouco terreno que occupavam.»

Temos visitado as ruínas de Santa Luzia muitas vezes, e n'uma d'ellas, a 16 de setembro de 1876, depois de um minucioso exame feito com a descrição de Couraças na mão, ali mesmo sobre o joelho escrevemos o artigo denominado — *As ruínas de Vittania*³ que publicámos no n.º 3:116 da *Aurora do Lima*, de 25 de setembro do mesmo anno.

Oito mezes depois o distincto architecto, o meu amigo o ex.^{mo} sr. Possidonio da Silva, visitando estes logares attentou nas ruínas que se estendem ao norte da ermida de Santa Luzia; immediatamente tratou o dignissimo presidente do museu do Carmo da exploração d'ellas; mas o estímulo que a sua presença causava cessou com a sua retirada. O relatório d'estas ruínas está publicado no *Boletim dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, n.º 2 de 1877, pag. 27 a 30.

O monte de Santa Luzia é uma ramificação da serra de Arga. Uma hora de ingreme subida se gasta em chegar á capella da santa que lhe dá o nome. Esta ermida está a 195 metros de altitude.

¹ *Chronica da Conceição*, tomo 1, pag. 549, n.º 578.

² *Fénix Viannense* ou Vianna renascida no Atrio, ms. de 1772, cujo original possui o sr. Francisco Antonio de Moraes.

³ Fr. Francisco de Berganza cita n'um documento do anno 883 (*Chronicon Emilianense*) nas *Antig. de Espana*, 1771, tomo ii, pag. 548, a Igreja de *Vittania* como suffraganea de Braga. Foi sob esta impressão que n'aquella occasião intitulei assim aquelle artigo. Luca de Tui no seu *chronicon (Hispan. Illustr.* tomo iii, pag. 56) quando menciona as igrejas do bispado Portugalense: «terá as igrejas que estão proximas de Castro Novo: Villa Nova, Betaonica, Vesea, Menturio, etc.»

Amplio e magnifico panorama se gosa d'este sitio; de um e de outro lado ferteis campinas banhadas pelo crystalino Lima e pelo Oceano; a nossos pés se estendem pela margem do rio as casas da cidade; e mais além o Atlantico, como que em amphitheatro se perde na immensidade do horizonte.

A actual capella data de 1644, mas proximo se acham vestígios de uma outra muito anterior, cuja porta em estylo gothico parece pertencer ao século xv. Tem gravadas algumas letras e algarismos que confirmam esta época. É pois justificavel a antiguidade de 4 séculos que o vulgo dá a esta capellinha.

Pela parte do norte, n'um plano um pouco superior ao da capella, se estendem as ruínas da antiga povoação em terreno accidentado. A maior parte do recinto se acha dentro de um muro de pedras toscas que fecha uma grande bouça de matto.

A exploração foi começada fóra da tapada, ao norte.

Toda a linha de muralhas, que se compõe de alvenaria miuda e argamassa, se distingue bem, excepto pelo lado do sul.

A grossura d'ellas é 1^m,84. Dilata-se o muro n'uma grande extensão. O antigo perimetro mede perto de 2 kilometros.

É pelo lado do norte que apparecem os vestígios e ruínas de casas; onze habitações foram postas a descoberto; são circulares, com um diametro de 4 a 8 metros; a grossura da parede é de 0^m,38. Compõe-se esta de pedra pequena, faceada e collocada á maneira de losangos, entalhada sem argamassa nenhuma.

O antigo piso acha-se a 0^m,62 e coberto de terra vegetal.

Ao primeiro aspecto as casas parecem alicerces de moinhos de vento; uma d'estas habitações é maior que as outras e de fórma oblonga; uma outra que está proxima tem dois compartimentos. Todas estas habitações ou melhor cabanas exploradas se acham rodeadas por um muro; o que nos leva a crer que ellas formavam um bairro separado.

Os trabalhos pararam e portanto nada mais podemos avançar a este respeito.

Pelo SO. ainda mesmo fóra da linha das muralhas, se notam vestígios de casas.

Fragmentos de ceramica trabalhada ao torno, imitante da romana, moedas de Cesar a Constantino, prégos fundidos e outros objectos de cobre e ferro se encontraram dispersos aqui e além.

Nem uma lápide, nem um osso humano!

Acaso convirão estas casas oblongas e toscas a uma florescente cidade episcopal?

Parece que assim o querem os AA. que divergem da nossa opinião. Onde as pilastras, os cippos, as lapides tão vulgares nas ruínas das povoações romanas?

Estes factos juntamente com as citações atraz apontadas nos levam a afirmar sem receio que a povoação de Santa Luzia nunca foi a cidade episcopal de Britonia, que ficava em Mondonhede na Galliza, mas sim a velha Vianna.

Em cada uma das pedras d'aquellas ruínas se denota a sua feição indigena, indifferente ao elemento romano que avassalava a Peninsula.

Diz o sr. Alexandre Herculano:¹ «Na peninsula, ao tempo da conquista romana e depois ainda, os cellas hespanhoes viviam reunidos em especie de villas ou cidades».

E n'outro lugar:²

«Havia, além d'estas (colonias e municipios) as rarissimas povoações que parece terem sido habitadas *exclusivamente* por indigenas, etc».

Quando seria abandonada ou arrasada a povoação de Santa Luzia?

Que o foi posteriormente a Constantino o dizem as moedas achadas. Seria nas invasões dos barbaros no seculo v?

Seria nas correrias dos sarracenos? Ignoramol-o.

Só a continuação da exploração nos virá determinar esta como as outras questões historicas.

Cabe n'este lugar lembrar o empenho que o ex.^{mo} sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva tomou pela exploração d'estas ruínas, e a pressa com que a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, a exemplo do seu illustre e incansavel presidente, votou uma verba para a sua continuação.

Apesar d'este estimulo e boa vontade que mostravam os que eram de fóra da cidade, os viannenses, indifferentes, cruzaram os braços. Com um pequeno subsidio da camara, e com algum estimulo particular poder-se-hia continuar pouco a pouco o trabalho começado.

Porque esmorecer de todo?!

Esta pequena memoria tem por fim chamar a attenção sobre este assumpto, e fazer despertar os viannenses, e mui principalmente a Camara Municipal, á qual compete tomar a iniciativa d'estes trabalhos.

O auctor citou com todo o cuidado as edições em que se funda para melhor deduzir a verdade. Estas

¹ *Historia de Portugal*, 4.^a edição, pag. 38 do tomo 1.

² *Historia de Portugal*, tomo 1, pag. 25. Vid. tambem pag. 31.

edições encontram-se na bibliotheca da Universidade, onde podem ser consultadas.

Coimbra, 28 de fevereiro de 1879.

LUIZ DE FIGUEIREDO DA GUERRA

Socio correspondente.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 30

Representa a photographia, que acompanha o presente numero do *Boletim*, uma obra rara de escultura de remota era, pois data da fundação do reino de Portugal; a figura, em meio corpo, d'el-rei D. Afonso Henriques, estava collocada no cimo do portal do palacio das Alcaçovas em Santarem, actualmente em ruínas, no qual habitou o fundador da monarchia por muito tempo.

Mostra esta obra de escultura a infancia da arte; n'ella se observa a falta de relação entre as partes que compõem a dita figura, e principalmente a incorrecta posição dos braços, estando ligados ao tronco. Era uma extraordinaria difficuldade para os esculptores d'essa época poderem representar esses membros do corpo humano, e muito tempo decorreu primeiro que chegassem á perfeição de lhes dar o devido movimento, o qual tanto contribue para expressar a vitalidade.

Esse defeito é mais uma prova da antiguidade d'esta escultura, pois que no seculo XII permaneciam ainda na decadencia as bellas-arts na raça latina; todavia nota-se n'este busto, não obstante a imperfeição do trabalho, que o esculptor era dotado de sentimento artistico, pois o rosto do soberano indica a firmeza do seu caracter para com a espada fazer triumphar a cruz, symbolo da religião que professava, e mesmo a attitudo em que está apertando nas mãos esse emblema sagrado, e a lamina da espada erguida, patenteam quanto era vigilante pela conservação da fé, estando prestes a defendel-a expondo a propria existencia.

Esta escultura é um dos objectos de maior apreço que encerra o museu do Carmo, não só pela sua antiguidade, mas por ser a unica d'aquella época que Portugal conserva, e representar o fundador da nossa nacionalidade.

Todas estas circumstancias reunidas fizeram que na exposição universal de 1867, em Paris, os artistas e archeologos a reputassem de subido valor tanto para a historia como para se avaliar qual era o merecimento artistico que n'aquelle seculo os portuguezes tinham adquirido.

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O sr. conde de Lair offereceu ao nosso presidente uma preciosa collecção de trinta e dois specimens de ceramica de vinte e cinco manufacturas francezas,

desde o seculo de Luiz XIV até o final do seculo XVIII, escolhida da mais completa collecção que ha em Paris pertencente a este illustre amator. Tem causado admiração ás pessoas que examinam no Museu do Carmo, e mereceu os elogios de sua magestade el-rei o sr. D. Fernando pelo esmero da escolha e

Da Real Associação dos Architectos
e Archeologos Portuguezes



HENRIQUE NUNES. PHOT.

ESTAMPA 30

Busto d'el-rei D.Affonso Henriques
obra d'esculptura doreinado
d'este soberano

raridade de alguns d'estes objectos de faiança, que não havia ainda em Portugal.

Os jornaes de Madrid deram noticia da sessão solemne em que se conferiram as medalhas de prata aos nossos consocios, e que se inaugurou o retrato e se leu o elogio historico do distincto archeologo hespanhol o fallecido D. José Amador de los Rios.

Entre elles se exprime a *Epoca* por esta forma: «... Portugal se antecipou á Hespanha em honrar a memoria do insigne archeologo, do sabio critico, cujo ensino vive e viverá por dilatados annos na memoria da mocidade, e com applauso dos homens de sciencia.»

Expressa-se deste modo tambem o jornal a *Raça Hespanhola*: «... Actos como o referido, honram os povos que se estimam; e Portugal deve ao incansavel presidente d'esta Associação, por elle fundada, o amor aos estudos archeologicos, tão esquecidos até agora no reino visinho.»

O sr. marquez de Croizier, fundador da Sociedade Academica Indo-Chineza, nosso digno socio correspon-

dente, offereceu dez photographias tiradas das remotas minas de Khamer, onde se ostentam os primores de sua floreada architectura, e que é muito util para a historia da arte na India.

O Instituto Imperial Germanico de Archeologia de Berlim nomeou seu socio correspondente ao sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, enviando-lhe o seu diploma com um officio assignado pelo presidente o dr. Mr. Lepsius. Estas successivas distincções não só ennobrece o artista, como são honrosas para o paiz e muito lisongeiras para a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

A Associação Artistico-Archeologica Barceloneza propoz á nossa Real Associação para encetarem relações artisticas; o que foi acceito com grande satisfação. A mesma Associação nomeou, na sua sessão de 6 de abril do presente anno, socio correspondente o nosso collega o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

NOTICIARIO

Nas investigações empreendidas nas ruínas de Troia, tem continuado o dr. Schliemann a encontrar entre as cinzas preciosos e interessantes objectos, consistindo em *armas de bronze, copos com azas, braceletes, agulhas de marfim de cinco pollegadas de comprimento, joias de agatha, idolos de pedra e de marmore*, até mesmo *uma pepita de ouro*, como se acham nas minas da Australia; e ao mesmo tempo se descobrem misturados com esses objectos, *centenares de martellos de pedra da classe primitiva*, com vasilhas de barro, feitas á mão, menos os pratos que parecem os primeiros ensaios de emprego do torno.

Dentro de uma urna que continha ossos e cinza, e outros fragmentos, estava um pedaço de *porcelana egypcia verde lustroso*; sendo esta a primeira que se encontrou em Troia. O mais notavel foi descobrir-se, a vinte e oito pés abaixo da superficie da collina, uma *roca de madeira* de onze pollegadas de comprimento e cheia de *fios de lã postos no sentido longitudinal*, mas todos negros como carvão, parecendo terem sido queimados.

Quarenta grandes mostradores de relógios foram collocados em varios bairros de Paris para indicarem as horas ao publico, sendo todos regulados por um simples mecanismo: o total da despeza com este util melhoramento foi de 87:000 francos.

Uma elegante construção acaba de ser feita em Padua pelo habil architecto sr. Camillo Boito: é um palacio para a administração municipal d'esta mais florescente cidade dos antigos Estados de Veneza. Boito soube harmonisar a decoração do novo palacio com a architectura do antigo monumento da idade media que lhe fica em frente; reunindo aos usos modernos e ao pittoresco architectonico uma

composição de gosto e sciencia que lhe proporcionou mostrar o seu merito artistico.

O distinctivo — *As palmas de Official de Instrução Publica* — foi conferido ao nosso insigne confrade Mr. Paulo de Déchard, architecto, pelos seus serviços e merecimento na sua profissão.

Projecta-se cobrir uma das maiores ruas de Londres, *Regent's-street*, com um tecto de vidraças, a fim de evitar a este passeio o incommodo da chuva e da neve, assim como ficar ao abrigo do vento. Durante a noite esta extensa arcada receberá luz por soes electricos, projectando as suas chammas de cima para baixo, como já se usa com a luz do gaz, na soberba galeria de Victor Manuel, em Milão.

Uma linha de ferro na Austria está sendo allumiada pela luz electrica, de modo a poderem-se descobrir os obstaculos sobre a via em grande distancia.

Vae estabelecer-se em Paris a transmissão dos despachos telegraphicos por tubos pneumaticos, diminuindo a tarifa actual os preços estabelecidos, a fim de ser mais breve, e adoptado pelo publico, o serviço organizado por esta differente maneira.

Em França principia-se a collocar um apparelho electrico sobre os rios, com o fim de produzir automaticamente as variações do nivel das aguas, para se conhecer immediatamente as enchentes, e dar tempo a evitarem-se prejuizos sobre as margens dos rios.

Na villa de Baena, da provincia de Cordova, naturalidade do distinctissimo archeologo, D. José Amador de los Rios y Serrano, mandou a respectiva municipalidade mudar o nome á rua onde está a casa em

que nasceu Serrano, substituindo-o pelo d'este litterato, assim como collocar, na referida casa, uma lapide de marmore, com a seguinte inscripção ao centro de uma corôa de louro:

No 1.º de Maio de 1818

nasceu n'esta casa

O eminente historiador e publicista

D. José Amador de los Rios y Serrano.

Falleceu em Sevilha em 17 de Fevereiro de 1878.

Sobre os dois lados da corôa lê-se:

Gloria ao Genio — Honra ao Merito

Collocou-se esta lapide, por deliberação da municipalidade de Baena, no anno de 1879.

Nas construcções que se executam presentemente para as fortificações em roda da cidade de Roma, na *Via Appia*, foram descobertos cincoenta tumulos de differentes epocas, encontrando-se inscripções de grande importancia para a historia do tempo d'esses monumentos epigraphicos.

Fabricam-se em Dresde chapas de vidro submettidas a uma forte pressão: obtêm-se de muito maiores dimensões do que pelo systema do vidro temperado; apresentam além d'isso uma resistencia superior na razão de 5 a 3.

Na presença da sociedade polytechnica se fizeram experiencias, dando em resultado que as chapas de vidro usual ficavam esmigalhadas, caindo-lhe um bala da altura de 30 centimetros, enquanto para se quebrar a chapa de vidro comprimido fôra preciso lançar a mesma bala da altura de tres metros, ficando apenas fendido.

Este anno terá logar em Munich uma exposição internacional de bellas artes.

Em New-York adoptou-se, para se aquecerem as casas de toda a cidade, um deposito central de vapor d'agua, que transmittirá por intermedio de tubos em todas as direcções atravez das ruas, obrigando-se a companhia a aquecer as repartições publicas ao preço de um terço menos que se gasta com o carvão nos fogões; além d'isso obriga-se, em caso da neve se accumular nas ruas, a fazer derreter-a promptamente, servindo-se de um apparelho a vapor. A cidade de Berlim vae adoptar o mesmo systema para aquecer no inverno as habitações.

Em Nice acaba de ser construido um novo theatro, servindo tambem de sala de concerto, de *Monte-Carlo*, pelo insigne architecto mr. Carlos Garnier,

socio correspondente da nossa real associação, edificio mais superior pela sua bella fôrma, sumptuosidade e ornamentação, do que a grande opera de Paris, delineada pelo mesmo habil architecto.

Muito embora se despendessem n'esta edificação alguns milhões, o que ha a attender é á perfeição da obra, rara intelligencia e gosto apurado do celebre architecto, que parece ter attingido agora, na sua idade mais madura, o perfeito desenvolvimento de seu raro talento.

O novo theatro tem causado grande admiração aos entendedores, e merecidos applausos ao artista que veio dotar a arte no xix seculo com um tão estupendo monumento architectural.

A municipalidade da cidade de Cordova tambem mandou mudar a designação da rua do *Seminario* pelo nome de *Amador de los Rios*, por haver este sabio hespanhol começado os seus estudos n'aquelle seminario.

É por actos d'este quilate que se avalia a civilisação dos povos, e se immortalisam os homens illustres das nações.

Em New-York acaba-se de construir um grande hotel sómente para mulheres se hospedarem permanentemente com a maior commodidade, e mesmo luxo, contribuindo com uma limitada mezada.

Este edificio tem oitocentas janellas e quinhentos quartos. Os talheres são de prata, a louça de porcelana; quadros a oleo revestem as paredes, cortinas em riscas de côres guarnecem as janellas, e os angulos das salas têm por ornamento talhas da India. Campainhas electricas e tubos acusticos communicam com todos os andares. A bibliotheca compõe-se de tres mil volumes; estantes para escrever acham-se collocadas nos vãos das janellas, e o serviço é feito por pretos; as mezadas são conforme os andares: ha de 48\$000 réis, de 36\$000 réis e 19\$200 réis, comprehendido o sustento.

De mil pedidos feitos á administração sómente foram admittidas quarenta mulheres que se sujeitaram ás condições de não trabalharem com machinas de costura, não terem cães, gatos ou aves!

Uma nova ponte formada de um só arco se vae agora construir em Londres, para que possam passar os navios de alto bordo por baixo: haverá pois tres pontes com esta disposição: a do Douro, que mede cento e cincoenta e oito metros; a outra, estabelecida em Cincinnati, que tem cento e cincoenta e seis metros; e a nova, de Londres, que terá duzentos e cincoenta metros.

EXPEDIENTE

No proximo numero do Boletim daremos publicidade ao Elogio de D. José Amador de los Rios, proferido na sessão solemne de 2 de maio preterito, pelo nosso consocio o sr. Luciano Cordeiro.